



CEFET-MG

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Mestrado em Estudos da Linguagem

Carla Geralda Leite Moreira

“VAI TER QUE SER UMA AULA NORMAL?”

Letramento digital, formação de professores e tecnologias na escola

Belo Horizonte (MG)
2013

Carla Geralda Leite Moreira

“VAI TER QUE SER UMA AULA NORMAL?”
Letramento digital, formação de professores e tecnologias na escola

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Linguagens, Ensino e Mediações Tecnológicas.

Orientadora: Prof^a . Dr^a . Ana Elisa Ribeiro

Belo Horizonte (MG)
2013

Carla Geralda Leite Moreira

"VAI TER QUE SER UMA AULA NORMAL?"
Letramento digital, formação de professores e tecnologias na escola

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Estudos da Linguagem, do Programa de
Pós-Graduação Stricto Sensu do Centro Federal
de Educação Tecnológica de Minas Gerais
(CEFET-MG), como requisito parcial à obtenção
do título de Mestre.

Área de concentração: Linguagens, Ensino e

Moreira, Carla Geralda Leite.

B838v "Vai ter que ser uma aula normal?" : letramento digital, formação
de professores e tecnologias na escola / Carla Geralda Leite Moreira.

- 2013. -

98 f. : il. -

Orientadora: Ana Elisa Ribeiro.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em
Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2013.

Bibliografia.

1. Letramento. 2. Tecnologia educacional. 3. Educação –
multimídia interativa. 4. Prática docente. I. Ribeiro, Ana Elisa. II.
Título.

CDD: 371.33



CEFET-MG

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

CARLA GERALDA LEITE MOREIRA

***“VAI TER QUE SER UMA AULA NORMAL?” Letramento digital,
formação de professores e tecnologias na escola***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 29 de novembro de 2013, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a Ana Elisa Ferreira Ribeiro, Dr.^a - Orientadora
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Vicente Aguiar Parreiras, Dr.
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Hércules Tolêdo Corrêa, Dr.
Universidade Federal de Ouro Preto

*Para minha irmã e melhor amiga, Maria Alzira,
grande incentivadora desta pesquisa*

AGRADECIMENTOS

Ao maior de todos, Deus, por mais uma vez ter me concedido saúde para trilhar outra etapa em minha vida.

Aos meus pais, amores da minha vida, obrigada por ter investido na minha educação desde criança mesmo sem, muitas vezes, ter condições financeiras favoráveis; saibam que parte deste trabalho também é de vocês, que acreditaram em mim e que sempre procuraram deixar para mim como herança a minha educação.

À minha irmã Maria Alzira, a quem dedico este trabalho. Você é meu grande exemplo de vida.

Ao meu esposo Aquiles, meu companheiro e amor da minha vida. São quase nove anos de casada, alguns problemas enfrentados e muitos ainda por vir. Obrigada por, mesmo sem, muitas vezes, entender o porquê das minhas escolhas, nunca ter me impedido de seguir o meu caminho durante esses dois anos de curso.

À minha orientadora, professora, Doutora Ana Elisa Ribeiro, que tornou possível a realização deste trabalho. Obrigada pela confiança e carinho depositados em mim. Saiba que, ao final deste percurso, considero você como uma amiga especial, e não somente uma professora.

Ao meu médico e amigo Dr. Luiz Eduardo de Almeida Couto Viana, por acreditar no desafio que é o meu tratamento, sempre me ajudando da melhor forma possível para que eu tivesse uma vida independente e saudável.

Aos sujeitos participantes da pesquisa, que se propuseram a contribuir da melhor forma possível.

Ao CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica, por me proporcionar condições de divulgar meu trabalho em vários estados.

À CAPES, por ter me concedido bolsa, para que eu pudesse me dedicar aos meus estudos.

Aos amigos que conquistei no Mestrado em Estudos da Linguagem, em especial Nazaré, Marlon, Suelen e Eliziane. Espero que nossa amizade se fortaleça com o passar dos tempos e, o mais importante, que tenhamos sucesso na nossa trajetória acadêmica e profissional.

A todos os amigos adquiridos durante os congressos dos quais participei, em especial, Daniela Dias.

Às minhas pareceristas professora Doutora Carla Viana Coscarelli e professora Doutora Maria Raquel Bambirra, muito obrigada pelas contribuições e dicas.

À secretária do mestrado em Estudos de Linguagem, Sandra, que sempre me atendeu com presteza e educação.

À Flávia Caetano, obrigada pela revisão do trabalho.

*O meu Deus é o Deus do impossível
Jeová Jireh
O grande El Shadai
Que abriu o mar vermelho
E ao seu povo fez passar
Que da rocha água limpa fez brotar*

*O meu Deus é o Deus do impossível
Que liberta encarcerados das prisões
Faz da estéril mãe de filhos
Restaura a alma do ferido
E dilata o amor nos corações (...)*

Aline Barros

RESUMO

A educação mediada pelas novas tecnologias ainda gera muitos questionamentos na sociedade contemporânea. De modo geral, algumas dúvidas ainda permeiam o dia a dia do professor, com relação ao uso de ferramentas tecnológicas. Sendo assim, esta dissertação é o relato de um estudo sobre o letramento digital de professores, com o intuito de entendê-lo melhor, e ainda, de analisar diferentes maneiras de incorporar as modalidades do letramento às práticas educacionais. A hipótese que orientou esta investigação é que os docentes ainda não possuem destreza no uso das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC). Com relação à metodologia, utilizou-se como forma de coleta de dados a entrevista semiestruturada, e também como técnica complementar, a observação na visita às escolas. Logo após, examinaram-se os modos de dizer de seis professores do ensino médio e fundamental, de escolas públicas e privadas, se e como esses profissionais integram as ferramentas tecnológicas em suas aulas. De natureza interpretativa, no exame dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) a fim de tentar compreender, nas entrelinhas, a concepção do uso das tecnologias. A partir das análises, percebeu-se que os professores utilizam as TIC no seu cotidiano, no entanto, muitas vezes não têm consciência de que suas práticas de ensino contemplam esse universo digital. Categorias semânticas foram criadas e verificaram-se as escolhas lexicais mais recorrentes para chegar-se a conclusões sobre como é sua apropriação tecnológica em sala de aula.

Palavras-chave: Letramento Digital; TICs; Prática Docente.

ABSTRACT

Education mediated by new technologies still raises many questions in contemporary society. Generally speaking, some doubts still pervade the daily routine of the teacher, regarding the use of technological tools. Thus, this dissertation performed a study around the digital literacy of teachers, with the purpose of understanding it better, and, still, think about the different ways to incorporate the modalities of literacy into the educational practices. The hypothesis that guided this investigation is that teachers still do not possess autonomy in the use of Information and Communication Technologies (ICTs). With regard to the methodology, one used the semi-structured interview as a means to collect data, and also the observation on the visits to schools, as complementary technique. Thereupon, one examined the ways of saying of six high school and elementary teachers, from public and private schools, if and how these professionals integrate the technological tools on their classes. Interpretative in nature, during the data examination, one used Content Analysis (BARDIN, 1977) in order to try to understand, between the lines, the conception of the use of technologies. From the analyses, it was noticed that teachers use the ICTs in their daily lives, although, many times, they do not have the awareness that their teaching practices contemplate this digital universe. Semantic categories were created and the most recurrent lexical choices were verified so as to reach the conclusions on how its technologic appropriation happens in the classroom.

Keywords: Digital Literacy; CITs; Teaching Practice.

LISTA DE SIGLAS

CD - Compact Disc

CEFET – MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

NTE - Núcleo de Tecnologia Educacional

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

ProInfo - Programa Nacional de Tecnologia Educacional

POSLING – Pós Graduação em Estudos de Linguagens

TDIC – Tecnologia Digital da Informação e Comunicação

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UNI-BH - Centro Universitário de Belo Horizonte

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 O foco desta pesquisa.....	13
1.2 Contextualização do estudo.....	16
2 LETRAMENTO E LETRAMENTO DIGITAL	18
2.1 Conceitos sobre letramento.....	19
2.2 Letramento digital.....	23
3 LETRAMENTO DIGITAL DO PROFESSOR	26
3.1 Formação dos professores com as TIC	26
3.2 O “saber fazer” na prática docente	28
3.3 Da formação à prática.....	29
3.4 Informática na educação	33
4 NOVOS DESAFIOS: O PROFESSOR E O LETRAMENTO DIGITAL	36
4.1 O professor e uma nova forma de ensino.....	36
5 METODOLOGIA.....	39
5.1 Pesquisa qualitativa.....	39
5.2 Pesquisa qualitativa em educação	40
5.3 Procedimentos para geração de dados.....	40
5.3.1 <i>Escolha dos sujeitos</i>	40
5.3.1.1 A professora A.....	41
5.3.1.2 Professor B	41
5.3.1.3 Professora C.....	42
5.3.1.4 Professora D.....	42
5.3.1.4 Professora E.....	43
5.3.1.4 Professor F.....	43
5.3.2 <i>Contato com os sujeitos</i>	44
5.4 Geração e coleta de dados.....	45
5.4.1 <i>Entrevista semiestruturada</i>	45
5.4.2 <i>Observação não participante nas visitas às escolas</i>	46
5.5 Procedimentos de análise dos dados – justificativa da metodologia utilizada....	46
6 ANÁLISE.....	50
6.1 A escola.....	50
6.1.2 <i>Infraestrutura</i>	50
6.2 Capacitação.....	54
6.3 Apropriação das novas tecnologias.....	55
6.3.1 <i>Uso</i>	55
6.4 <i>Motivação</i>	58
6.5 Relato das observações	61

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 63

REFERÊNCIAS 66

APÊNDICE A..... 73

APÊNDICE B..... 74

APÊNDICE C..... 76

1 INTRODUÇÃO

1.1 O foco desta pesquisa

O uso de tecnologias digitais na educação é um tema que instiga nossa sociedade. Várias dúvidas, com relação ao uso dessas ferramentas tecnológicas, permeiam a prática docente. Percebemos que, apesar de vivermos a era digital, incentivar os professores a ministrar uma aula mediada pela tecnologia, às vezes, pode ser uma tarefa árdua. Por outro lado, alguns docentes fazem uso das tecnologias, com a utilização de vídeos, músicas, PowerPoints etc. Diante disso, faz-se necessária uma reflexão em torno da educação e do uso das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), a fim de verificar competências tecnológicas na formação dos professores.

De acordo com Borges e Silva (2005), as pessoas estarão inseridas na Sociedade da Informação quando forem capazes de desenvolver as habilidades necessárias para acessar e usar a informação. O conjunto dessas habilidades é chamado, pela Ciência da Informação, de *information literacy*, termo que pode ser traduzido como educação para a competência em informação, uma espécie de letramento informático, que é um fator importante para a formação do cidadão do século XXI, ou seja, o indivíduo será capaz de facilitar sua vida e aprofundar seus conhecimentos por meio da apropriação que fizer de recursos digitais.

Levando em consideração essas reflexões, surge a motivação para o desenvolvimento desta dissertação. Essa motivação, na realidade, iniciou-se ainda em minha graduação, em 2007, com a finalização da monografia exigida para a conclusão do curso. Nesse trabalho monográfico, o objetivo contemplava o conhecimento de informática dos alunos do ensino fundamental e médio. Os resultados mostraram que esses alunos possuíam bom desempenho, considerando que as iniciativas de inclusão digital estavam no começo e, apesar de todo o investimento do governo, ainda era bastante complicado implantar um laboratório de informática e colocá-lo em funcionamento em uma escola pública (MOREIRA, 2007).

Apesar do bom conhecimento dos discentes, um problema maior emergia: a informação com relação ao uso da tecnologia nas escolas ainda era difícil. A equipe pedagógica aparentava certo receio em receber o pesquisador de Sistemas de Informação, para a coleta de dados. Essa realidade nos incomodou e despertou

nossa curiosidade para um estudo maior, envolvendo o letramento digital do professor.

Assim, tentando compreender a interação entre os profissionais da educação e a tecnologia, para este estudo, os objetivos são:

- verificar como um grupo de 6 (seis) professores, em princípio letrados digitalmente, fazem uso de certas ferramentas digitais na sua prática de ensino;
- averiguar como esses docentes se apropriam das tecnologias digitais em suas aulas;
- observar se o conteúdo a ser ministrado não se perde com a utilização das novas tecnologias, comprometendo o foco da aula.

O pressuposto desta pesquisa é o de que, “[...] nas próximas décadas, a educação vá se transformar mais rapidamente do que em muitas outras, em função de uma nova compreensão teórica sobre o papel da escola, estimulada pela incorporação das novas tecnologias”, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 2000, p. 05). Assim, há indícios de que, mesmo sem ciência do uso da tecnologia, os professores, às vezes, sem qualificação e, pertencentes a uma escola sem infraestrutura, procuram planejar a aula, utilizando, por exemplo, as ferramentas colaborativas, softwares educacionais, lousa interativa etc.

Cabe pontuar que, de qualquer forma, estimular a introdução da informática na educação é pertinente, pois ela contribuiu para o aprimoramento das habilidades docentes, sendo uma delas o letramento digital. Inclusive, há algumas obras¹ cuja orientação prevê o uso das novas tecnologias digitais no plano de aula, como uma ferramenta de apoio para o docente, principalmente pensando no espaço colaborativo de ensino como, por exemplo, o Google Docs. Ribeiro (2012) salienta que os professores não precisam utilizar o computador dentro da sala de aula, mas podem designar tarefas para os estudantes pesquisarem em casa, principalmente se levarmos em consideração as alternativas que a Web 2.0 nos oferece, como a opção de trabalharmos remotamente. E, destacamos, ainda, algumas pesquisas de

¹ Ver RIBEIRO; NOVAIS (2012).

Coscarelli e Ribeiro (2005) e Coscarelli (2006; 2012) que abrangem discussões sobre a informática na sala de aula, ou seja, professores que procuram e experimentam maneiras de usar o computador como recurso didático.

Cabe ressaltar que, mesmo diante das dificuldades relatadas por muitos professores, é importante que a equipe pedagógica procure capacitar esses docentes. Sobre isso, Benetti e Silva (2012) discutem que:

Apesar das políticas públicas de formação de professores, tanto federal e quanto estadual, para o uso das tecnologias de informação e comunicação na educação, os professores ainda se sentem inseguros e excluídos desse processo. As formações são desenvolvidas, porém os educadores não transpõem para a prática diária as tecnologias disponibilizadas na escola em que atuam. (BENETTI; SILVA, 2012, p. 06).

Assim, não basta capacitá-los, deixando-os desamparados. A escola precisa oferecer suporte; é necessário ir além, pois os professores precisam de apoio pedagógico.

Tenho observado, por meio de nossas pesquisas, que escolas equipadas com computadores e acesso à internet e professores egressos de cursos básicos de informática educativa não têm sido suficientes para que se integremos recursos digitais e as práticas pedagógicas. Se o desejável é que os professores integrem computador-internet à prática profissional, transformando-a para melhor inseri-la no contexto de nossa sociedade marcada pelo digital, é preciso ir muito além. Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar. Quando digo integrar é porque o que se quer não é o abandono das práticas já existentes, que são produtivas e necessárias, mas que a elas se acrescente o novo. Precisamos, portanto, de professores e alunos que sejam letrados digitais, isto é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la passivamente. O esperado é que o letramento digital seja compreendido para além de um uso meramente instrumental. (FREITAS, 2010, p. 340).

Seguindo esse raciocínio, é importante ressaltar que toda a equipe pedagógica se envolva com o letramento digital. Não basta que determinada rede de ensino ofereça uma capacitação de um software para os colaboradores da escola. Com relação a isso, Valente (1999) lembra que a preparação docente, nesse caso, implica muito mais do que somente fornecer conhecimentos sobre computadores, implica um processo de ensino que crie condições para a apropriação ativa de conceitos, habilidades e atitudes, que ganhe sentido à medida que os conteúdos abordados possuam relação com os objetivos pedagógicos e com o contexto cultural

e profissional de seus alunos. O ponto principal da apropriação é que o docente a perceba como algo natural, de uso no seu dia a dia, abrangendo inclusive uma aula.

1.2 Contextualização do estudo

Desde o segundo semestre de 2011, dedicamo-nos ao estudo do letramento digital sob a perspectiva, principalmente de Soares (2002; 2006), Ribeiro (2009; 2012), Kleiman (2007; 2008) Bawden (2008), Coscarelli e Ribeiro (2005), Mey (1998), Buzato (2007) e Lévy (1999). Essas pesquisas corroboram o que já foi exposto anteriormente: a educação precisa de mudanças, principalmente, quando temos como referência o como utilizar recursos tecnológicos.

Ribeiro (2012) aponta essa questão em:

[...] o mesmo pode se perguntar em relação aos usos do computador e da web na escola. Usávamos giz e lousa para dar nossas aulas, mas e agora? Computadores, projetores, softwares, animações, hipermídia, tantas opções...O projetor, por si só, não faz minha aula melhorar. É necessário saber planejar aulas, conhecer ferramentas digitais e saber ajustar uma coisa à outra. (RIBEIRO, 2012, p. 19).

Por isso, o principal foco a ser analisado nesta pesquisa é a metodologia utilizada pelo professor, que aliada aos recursos tecnológicos e à Web 2.0, pode fazer a diferença no momento da aula:

Contrariamente ao que poderiam supor os mais conservadores, o que os pesquisadores de novos letramentos têm em mente ao envolverem-se com o conceito e os discursos acerca da Web 2.0 não é a criação de modelos prescritos para a geração de materiais didáticos ou atividades que levem alunos e professores a fazer “coisas novas” que resultem no que já existe. Ao contrário a ideia é legitimar as maneiras locais pelas quais cada professor, com seus alunos, possa se apropriar das novas tecnologias de modo a negociar criativamente os designs e configurações curriculares, didáticos e espaciotemporais que lhe são impostos globalmente, e, por meio dessa apropriação, participar de uma globalização contra-hegemônica, fundada na noção de que é possível conciliar heterogeneidade e cidadania (cosmopolita) a partir da inovação de baixo para cima, tecnológica ou não. (BUZATO, 2010, p. 61).

Convém lembrar que o professor deveria planejar sua aula de acordo com o perfil da turma, e isso envolve um redimensionamento do que precisa ser mais enfatizado ou melhorado no desenrolar da aula. Sendo assim, o docente pode

personalizar a ferramenta de acordo com o que ele pretende para os discentes, e não ficar apenas repetindo o que outros profissionais da educação fazem.

É fato que a introdução da informática na educação é necessária. E, é certo que toda mudança gera receios; tudo que é novo parece assustador, por isso, é essencial que o docente seja preparado, desde a sua formação inicial até a continuada, para ser um professor letrado digitalmente:

Diante da crescente importância da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) no contexto educacional, estimular o contato dos professores com esta tecnologia é um desafio que se apresenta aos gestores escolares. Este contato não deve apresentar apenas um caráter passivo deste educador diante da tecnologia e sim ativo, como produtores de informações através do uso da TIC como ferramenta pedagógica, proporcionando o letramento digital de todos os envolvidos. (BENETTI; SILVA, 2012, p. 06).

Conforme dito anteriormente, o uso das novas tecnologias pode ter um significado útil para que os professores as utilizem, e é responsabilidade da parte pedagógica estimular e apoiar esse uso. O surgimento das novas tecnologias digitais de comunicação e informação impõe, de certo modo, uma modificação na prática de ensino dos profissionais da área de educação. Como ressalta Souza (2008, p. 23), “Na instituição escolar, professores e alunos estão imbuídos de papéis legitimados institucionalmente, mas não há simetria entre eles.” Por isso, o cenário tradicional de aula deveria ser (re)construído e os professores, desafiados, até por eles mesmos, a buscar novas maneiras de agir, utilizando, as ferramentas tecnológicas.

Assim, esta pesquisa se justifica, pois, ao investigar a prática do professor utilizando as novas tecnologias digitais e, ainda, ao apresentar os resultados deste estudo, acreditamos contribuir com um dos maiores desafios pedagógicos: evidenciar a importância da apropriação tecnológica no exercício da docência e, principalmente, revelar alguns processos de apropriação por professores, ainda que ocorra com dificuldade e certa distância entre discurso e ação.

2 LETRAMENTO E LETRAMENTO DIGITAL

Este capítulo discute algumas vertentes do letramento e do letramento digital na educação. Esses conceitos são apresentados a fim de dar uma visão geral sobre essas definições que já fazem parte do nosso cotidiano. É importante ressaltar que, as novas tecnologias já estão inseridas na sociedade contemporânea. A apropriação dessas novas tecnologias, no dia a dia dos professores, poderia aprimorar as práticas pedagógicas dos docentes, contribuindo na interação entre o professor e o aluno, o ensino e o aprendizado em um estágio colaborativo.

Freire (1983), já destacava que o ensino não precisa estar centrado no conhecimento do professor:

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão, a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. (FREIRE, 1983, p. 67).

Sob essa perspectiva, o novo paradigma de ensino não altera somente a relação do estudante com a aprendizagem, mas também, modifica o papel do professor, que antes tinha como função exclusiva transmitir aos alunos o conteúdo contido nos livros. No entanto, na era da informatização, o papel do docente se direciona não apenas à compreensão e à disseminação desses assuntos, mas também aos novos temas e conhecimentos contextualizados, com os quais os alunos se deparam em meio a tantas possibilidades proporcionadas pelas novas tecnologias digitais.

Para Corrêa (2006), em seu texto “Novas Tecnologias da Informação e Comunicação - Novas Estratégias de Ensino e Aprendizagem”, o professor tem a função de mediador do conhecimento, como já preconizava Freire (1983). Durante as aulas, a interação entre alunos, docentes e equipe pedagógica é essencial. Ainda segundo a autora, para isso, é necessário maior envolvimento do grupo de educadores que tenham como intuito a transformação de paradigmas. Podemos compreender que a utilização da tecnologia digital, quando usada de maneira coerente, tem papel fundamental na vida do sujeito.

Seguindo essa linha de pensamento, Silva (2012, p. 203) acredita que “a sala de aula interativa baseia-se na vivência coletiva, e na expressão e recriação da cultura.” Para ele, o docente precisa preparar o aluno para a vida em sociedade, o que seria educar em nosso tempo. O autor ainda destaca que a sala de aula

[...] trata-se de um espaço coletivo onde o professor cuida da socialização encarnada e não pré-fabricada, disponibilizando e provocando a comunicação entendida como participação-intervenção, bidirecionalidade-hibridação e na permutalidade-potencialidade. (SILVA, 2012, p. 203).

Diante disso, a escola precisa formar cidadãos críticos, capazes de pensar por conta própria, de reivindicar seus direitos, isto é, sujeitos pensantes e não meros repetidores de informações pré-construídas pelo educador (SILVA, 2012).

Para isso, é pertinente que a família, a equipe pedagógica e os professores dialoguem e criem projetos em conjunto, visando a um aprendizado mútuo, que ultrapasse os muros da escola.

2.1 Conceitos sobre letramento

Várias pesquisas nas áreas de Educação, Letras e Linguística têm se preocupado em mostrar a origem, o conceito e a prática do letramento em diferentes contextos. Dentre elas, destacamos Kato (1986), Tfouni (2010; 2011), Soares (2002; 2006), Kleiman (2007; 2008) e Buzato (2006; 2007). Esses estudos, de modo geral, procuram apresentar detalhes e reflexões sobre o letramento, numa perspectiva das práticas sociais, em meio às várias tecnologias.

Segundo Tfouni (2011):

O termo “letramento” é um neologismo, que foi apenas recentemente dicionarizado. A introdução da palavra na língua portuguesa deu-se no início da década de 1980, quando começaram a chegar no Brasil, publicações sobre “literacy”, inglesas (Street 1989, 1993) norte americanas (Goody 1968, 1977, 1986, 1987; Greenfield 1972) e ainda traduções para o inglês de obras que abordavam a questão, escritas por Lúria (1977) e Vygotsky (1984). (TFOUNI, 2011, p. 218).

Percebemos que a origem do termo letramento ainda é recente. Antes se falava apenas em alfabetização, conceito que está mais relacionado com a

decodificação de palavras, no sentido da leitura e escrita. A respeito disso, Soares (2006) ressalta que:

Uma das primeiras ocorrências do termo letramento está no livro de Mary Kato, de 1986 (No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, Editora Ática), a autora, logo no início do livro (p. 7), diz acreditar que a língua falada culta “é consequência do letramento”. Dois anos mais tarde, em livro de 1988 (Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso, Editora Pontes), Leda Verdiani Tfouni, no capítulo introdutório distingue alfabetização de letramento: talvez seja esse o momento em que letramento ganha estatuto de termo técnico no léxico dos campos da Educação e das Ciências Linguísticas. (SOARES, 2006, p. 15).

Para Soares (2006), o conceito de letramento ultrapassa o ato de ler e escrever. O sujeito precisa fazer uso dessas práticas. Mas de que forma? Ao entrar no universo do letramento, é necessário apropriar-se do hábito de buscar uma revista para ler, de frequentar livrarias e/ou bibliotecas. Esse convívio efetivo com a leitura propicia um envolvimento do sujeito com o sistema de escrita.

É importante enfatizar que os autores não concebem o conceito do termo “*literacy*” de forma única, pois esse conceito possui suas controvérsias. Por isso, na dinamicidade do processo de letramento, levando em consideração as práticas sociais, nesta pesquisa, abrimos algumas reflexões sobre as definições e trabalhos em torno do conceito de letramento, concentrando-nos principalmente em Buzato (2007). Esse autor parte da concepção de letramento proposta por Kleiman (2008, p. 19) quando esta diz que “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Buzato define ainda que:

O letramento, ou mais precisamente, os letramentos são práticas sociais e culturais que têm sentidos específicos e finalidades específicas dentro de um grupo social, ajudam a manter a coesão e a identidade do grupo, são aprendidas em eventos coletivos de uso da leitura e da escrita, e por isso são diferentes em diferentes contextos sócio-culturais. (BUZATO, 2006, p. 05).

Nessa linha, podemos entender que cada indivíduo adquire os letramentos de acordo com as práticas sociais e, ainda, com o grupo social do qual ele faz parte. Buzato ainda ressalta que:

Um indivíduo letrado é, conseqüentemente, alguém que conhece e pratica diferentes formas de falar, ler e escrever que são construídas sócio-historicamente – ou diferentes "gêneros do discurso" (Bakhtin/Volochinov, 1992), alguém que é capaz de acionar "modelos" correspondentes a essas situações específicas para interpretar/prever como será interpretado algo que lê ou escreve. Quanto maior a quantidade de esferas de atividade (escolar, jornalística, artística, científica, política, profissional, etc.) em que um indivíduo participa – ou pretenda participar – maior deve ser o seu repertório de gêneros e, conseqüentemente, maior o seu grau de letramento ou o seu conjunto de letramentos. (BUZATO, 2006, p. 05).

Percebemos que a inserção do indivíduo no mundo do letramento depende muito de suas ações em relação ao seu cotidiano, e ainda, de sua interação com o meio social. Quanto maior o seu envolvimento com as práticas sociais de leitura e escrita, maior e mais variado será o seu letramento.

Cabe ainda destacar as considerações de Street (1984, citado por BUZATO, 2007, p. 146), que esclarece a utilização de letramento e letramentos. Nessa perspectiva, reitera que:

[...] quando utilizado no singular, denotará o fenômeno em seu aspecto histórico e/ou macrosocial, ou caracterizado como um processo de aquisição da escrita em suas diferentes formas. Quando no plural, denotará tanto os diferentes conjuntos de práticas e tecnologias associados à construção de sentidos compartilhados socialmente, quanto às diferentes maneiras pelas quais essas práticas sociais ganham significado e função nos diferentes contextos socioculturais em que existem.

Diante disso, o uso do termo letramentos é mais significativo, pois além de contemplar processo de leitura, escrita e sentido, abarca também o significado e a função das práticas sociais em diferentes esferas.

De acordo com Ribeiro (2009), citando Kleiman (1995), outro ponto importante a considerar são as *agências de letramento*². Por meio dessas agências, sejam elas a escola, a comunidade, a família, o trabalho, uma pessoa pode se tornar letrada em vários níveis.

Soares (2006) ressalta que existe diferença entre alfabetização e letramento. O primeiro está ligado à instituição escola, ou seja, é a capacidade de o indivíduo saber ler e escrever, enquanto o segundo está relacionado com o uso que a pessoa faz da leitura e da escrita no seu cotidiano.

² “Os diversos espaços que orientam as práticas de indivíduos e comunidades para letramentos diversos são chamados de agências de letramento.” (RIBEIRO, 2009, p. 18).

Buzato (2006) salienta que é normal que algumas pessoas confundam o conceito de letramento e alfabetização. O autor enfatiza que a diferença está justamente na noção de prática social de cada indivíduo. Já a alfabetização está mais relacionada em como ensinar e aprender as habilidades básicas de codificação e decodificação da escrita e a sua relação com a língua oral, aprendendo aos poucos a separar uma da outra. Nesse sentido, o letramento possui relação com o uso que o indivíduo faz da sua alfabetização, o que não significa que o analfabeto não seja letrado, tudo depende de como essa pessoa está inserida no mundo em que vive, isto é, um adulto pode ser analfabeto devido a suas condições sociais e econômicas, mas pode ter contato com a leitura e a escrita de alguma forma.

Tfouni (2011) também assume esse pensamento e salienta que o letramento é um processo mais amplo que a alfabetização e que deve ser compreendido como um processo sócio-histórico. Tfouni (2010) relaciona, assim, letramento com o desenvolvimento das sociedades. Nessa perspectiva, a autora explica que:

Em termos sociais mais amplos, o letramento é apontado como sendo produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e da complexidade crescente da agricultura. Ao mesmo tempo, dentro de uma visão dialética, torna-se uma causa de transformações históricas profundas, como o aparecimento da máquina a vapor, da imprensa, do telescópio, e da sociedade industrial como um todo. (TFOUNI, 2010, p. 23).

Podemos dizer que, para Tfouni, o letramento seria a causa e a consequência do desenvolvimento, portanto, ultrapassa a escola e o processo de alfabetização. “O letramento [...] focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. [...] tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social mais amplo” (TFOUNI, 1988, citado por MORTATTI, 2004, p. 89).

Outra característica interessante do letramento é descrita por Kleiman (2007, p. 16). A autora define essa prática de ensino como “planos de atividades visando ao letramento do aluno”. Assim, um projeto de letramento constitui-se como um conjunto de atividades que se origina de um interesse real pela vida dos alunos, ou seja, os projetos devem contemplar a realidade dos estudantes por meio da leitura de textos que circulam no meio deles e na sociedade em geral.

2.2 Letramento digital

Se o conceito de letramento é um tema bastante controverso, diversos autores têm ideias diferentes sobre o mesmo assunto. Dentre eles, ressaltamos Soares (2002), Buzato (2006; 2007), Freire (2002); Mey (1998); Ribeiro (2009); Coscarelli e Ribeiro (2005); Ribeiro e Novais (2012). A definição de letramento digital não é muito diferente. Abordaremos algumas linhas de pensamento, começando por Soares (2002):

[...] um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (SOARES, 2002, p. 151, *itálicos no original*):

A autora considera que o letramento digital é uma apropriação da tecnologia, diferente do letramento tradicional, que está relacionado com a leitura e escrita no papel; para ela, essa posição é bastante coerente, à medida que analisamos os impactos que esse novo letramento terá sobre a educação.

Buzato (2007, p. 168) propõe uma visão dos letramentos digitais “como redes complexas de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, se entrelaçam, se contestam e se modificam mútua e continuamente por meio, em virtude e/ou por influência das TIC.” A concepção de letramentos digitais de Buzato não está preocupada com quem tem mais letramento digital, ou não, pois o seu interesse foca na internalização do letramento na prática social.

No caso desta pesquisa, focamos o letramento digital do professor, mas nos discursos dos participantes é recorrente o uso do termo “aluno”. E, geralmente, uma questão emerge: quem sabe mais, o aluno ou o professor? Para Buzato (2006), isso é irrelevante, pois ninguém é totalmente letrado em todos os contextos.

Penso que, nesse sentido, a pergunta sobre quem seria mais letrado, o aluno ou o professor, torna-se tola, inútil mesmo. A pergunta que faz sentido é como professores e alunos podem construir colaborativamente, através das TIC, conjuntos de letramentos que os ajudem a dar conta do que a sociedade espera da escola e, ao mesmo tempo, que os ajudem a fazer valer suas próprias demandas por uma sociedade menos violenta, hipócrita e excludente. (BUZATO, 2006, p. 08).

O que converge, inclusive, com a proposta pedagógica de Freire (2002, p. 15): “[...] formar é muito mais que puramente treinar o educando [...]”. Para o pesquisador, ensinar é algo que vai muito além do que simplesmente depositar conteúdos preestabelecidos na mente do aluno, o que caracteriza, segundo Freire, uma educação sem sentido.

Diante dessa perspectiva, assumimos o posicionamento de Buzato (2006), que defende a função do professor como a de mediador do aprendizado, o que quer dizer: docente e discente trabalham juntos, tirando dúvidas e construindo um conhecimento conjunto.

A relevância do letramento, tanto do tipo tradicional quanto do digital, vai muito além de se afirmar que é uma tecnologia de informação adquirida ativa ou passivamente. Enfatiza, também, que é muito mais do que saber ler e escrever ou navegar na Internet. Na realidade, consiste em saber utilizar esses recursos para aplicá-los no cotidiano, em benefício próprio. Precisa-se, nesse caso, indagar o porquê de se fazer uma busca na *web*, ou seja, saber qual a finalidade dessa informação para a vida, a fim de promover a aquisição de um (novo) conhecimento (MEY, 1998).

Soares (2002) ressalta que o sintagma “letramento digital” é usado para referir-se à questão da prática de leitura e escrita possibilitada pelo computador e pela Internet. Nessa linha, apresenta uma nova visão no conceito de letramento, bem como a confrontação de tecnologias digitais de leitura e de escrita com tecnologias tipográficas, salientando que cada uma possui seu espaço e um efeito na sociedade, resultando em conceitos diferentes de letramento. A autora enfatiza, ainda, que há modalidades diferentes de letramento, o que sugere que a palavra seja pluralizada: há letramentos³, e não letramento, isto é, “diferentes espaços de escritas e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos” (SOARES, 2002, p. 156).

Outro trabalho que corrobora essa mesma ideia é o de Ribeiro (2009). Primeiramente, a autora retoma o conceito de letramento para abrir uma discussão em torno do letramento digital. Ribeiro salienta que esse conceito é complexo e apresenta uma grande amplitude, visto que uma pessoa pode ser letrada somente para usar a Internet em alguns casos – acessando e-mails ou conversando em redes

³ Como exemplo: letramento crítico, lexicográfico, digital, entre outros.

sociais, por exemplo. Além disso, de acordo com essa pesquisadora, percebemos que as pessoas são letradas digitalmente de acordo com a sua realidade de vida. Nesse sentido, Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 09) afirmam que “[...] o letramento digital é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a leitura e a escrita também em ambiente digital”. Percebemos, então, que o letramento digital é uma prática do uso das tecnologias, pois os sujeitos precisam se apropriar das TIC para gerar um benefício ou comodidade para elas. Esse cenário gera um novo grau de letramento, no qual o indivíduo aprende, por exemplo, a procurar uma vaga de emprego pela Internet, isto é, a ler o anúncio, a interpretar o que se pede e, então, candidatar-se à vaga.

Por isso, nesta pesquisa, enfatizamos o quanto é importante a apropriação tecnológica por parte dos docentes. Essa apropriação pode gerar maior benefício para os educadores no preparo de suas aulas, como também no momento de ministrá-las. No entanto, de acordo com alguns relatos dos participantes deste estudo, alguns percalços ainda perpassam o cotidiano dos educadores no que diz respeito ao uso das TIC.

Levando em consideração esses obstáculos, o próximo capítulo discutirá algumas questões pertinentes sobre a formação dos professores, enfatizando o letramento digital desse profissional. Abrirá um espaço para reflexões acerca da inserção das TIC na grade curricular, bem como, cursos de capacitação profissional que contemplem a utilização das novas tecnologias no universo escolar.

3 LETRAMENTO DIGITAL DO PROFESSOR

3.1 Formação dos professores com as TIC

É imprescindível que os professores tenham conhecimento das novas tecnologias na sociedade atual. Porém, não foi comum encontramos, em nossas pesquisas, professores que estão capacitados para essa nova forma de trabalho docente.

Os educadores precisam ter competências pedagógicas e técnicas para saber lidar com as TIC. A apropriação deve acontecer nos dois sentidos. Saber como utilizar as TIC nas aulas, suas vantagens e limitações e, o principal, o que fazer para que essa novidade agregue algo de positivo à sua disciplina, ou até mesmo, aos seus afazeres como docente, facilitando seu trabalho de alguma forma.

De acordo com Peralta e Costa (2007, p. 78), a competência e a confiança dos professores são, de fato, “fatores decisivos na implementação da inovação nas práticas educativas”. Os professores precisam ter a consciência de que eles possuem o controle das TIC em suas mãos para que possam adequar sua aula da maneira que for mais pertinente.

Conforme Almeida e Valente (2011), o mais difícil para o docente não é a apropriação das tecnologias, mas sim, compreender todas as possibilidades do que se pode fazer com elas. Por isso, ressaltamos, mais uma vez, que o professor precisa estar capacitado, pois só assim ele terá esse discernimento e, acima de tudo, a confiança em utilizar as novas tecnologias.

Dessa forma, a gestão escolar precisa investir na formação do educador, “ajudar os professores a lidar com as barreiras de caráter psicológico, que impedem, em muitos casos, a integração efetiva das tecnologias nas suas práticas ou mesmo qualquer outra forma de transformação ou inovação curricular proposta” (COSTA, 2008, p. 37). Sendo assim, seria pertinente a escola possuir um profissional capacitado (formador) que pudesse fazer esse trabalho com os docentes, incentivando-os e colocando-os a par das novidades tecnológicas, para que eles não se sintam desamparados.

É importante salientar que esse formador já precisa ter passado por essas experiências para que possa auxiliar o docente. Se “formar é partilhar experiências, acrescentando conhecimento, mas, sobretudo dotar os indivíduos de meios necessários para saberem aplicar esses conhecimentos, de forma ajustada, à realidade onde trabalham” (BENTO; SALGADO, 2001, p. 17), chegamos ao questionamento, como pode um formador ajudar um docente se ele mesmo nunca passou por essa experiência? Podemos perceber que o formador pode ser o próprio objeto de pesquisa para que essa formação aconteça de forma favorável. É claro que os professores também precisam estar abertos a mudanças, o que, aliado a uma capacitação profissional, pode tornar o ensino mais dinâmico com a integração das TIC ao currículo escolar.

Como considera Perrenoud (2000), a função do professor redefine-se com a utilização das TIC no ensino. Para o autor, esse uso é uma das dez competências mais importantes de um professor que, mais do que ensinar, deve “fazer aprender”. Mais necessário do que qualificar profissionalmente, ou seja, preparar o docente para lidar num determinado contexto, o mais importante é fazer com que esse profissional possa adquirir competências, mobilizar saberes, ter autonomia e criatividade para que, no momento em que os problemas surgirem, o professor possa resolvê-los da melhor forma possível. Para isso, o autor destaca que o trabalho em equipe é fundamental. Nessa perspectiva, afirma que:

As novas tecnologias podem reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didáticos contemporâneos, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagem ricas, complexas, diversificadas, por meio de uma divisão de trabalho que não faz mais do que todo o investimento repouse sobre o professor, uma vez que tanto a informação quanto a dimensão interativa são assumidas pelos produtores de conhecimento. (PERRENOUD, 2000, p. 139).

Para o autor, a questão principal é: como os educadores utilizarão as TICs em suas aulas? Será como um meio de ensino para ilustrá-las ou para mudança de paradigma, isto é, para criar e gerenciar uma nova forma de aprendizado?

Seria interessante que os docentes utilizassem as novas tecnologias como uma mudança de paradigma. Rojo e Moura (2012, p. 31) salientam que “hoje no Brasil, é não só perfeitamente possível, como desejável (e, de certa forma desejada por uma grande parcela dos professores) a adoção de uma didática dessas”. Essa didática envolve um comportamento interativo entre professor e aluno. O docente

teria o papel de colaborador e, de acordo com seus ensinamentos, o discente construiria seu conhecimento sobre determinado assunto. Os autores ainda enfatizam que sentem grande adesão dos docentes aos princípios que perpassam esse tipo de educação.

3.2 O “saber fazer” na prática docente

Em geral, temos dois tipos de profissionais na educação: de um lado, os tecnófobos, “mais céticos, que vêem as TIC (*sic*) como instrumentos de influência maléfica pelos seus efeitos destrutivos na educação e nos costumes, no empobrecimento e descaracterização da cultura” (SILVA, 2005, p. 48) e, do outro, os tecnólatras que “acreditam nos efeitos libertadores das TIC (*sic*), encarando-as como meios capazes de acelerar a difusão eficiente da educação, da cultura e da ciência” (SILVA, 2005, p. 49).

Precisamos estar em posição intermediária acreditando que as TIC podem melhorar a educação quando utilizadas de forma pertinente e quando os professores possuírem além do letramento digital o letramento pedagógico que seria saber utilizar a tecnologia digital de forma didática, e como uma nova ferramenta de trabalho, assim como, quadro, giz, papel entre outras tecnologias. Mais uma vez, reiteramos que a formação do docente é fator essencial para que a inserção das novas tecnologias contribua com resultados positivos na educação.

Convém destacar que, um dos grandes desafios das instituições de ensino superior, nas áreas de licenciatura, é fazer com que todos os conteúdos curriculares contemplem a utilização das novas tecnologias. As TIC se desenvolvem rapidamente e muitos professores acabam ficando desatualizados, ou até mesmo acomodados no momento de ministrar uma aula incluindo alguma nova tecnologia. Dessa forma, Chakur (1995, p. 80) reitera que “é possível que a formação básica do professor não dê mais conta das mudanças rápidas e diversificadas que acompanham a evolução das condições do exercício do magistério”.

A formação do docente não acontece de um momento para outro, mas sim em longo prazo, desde seu ingresso na universidade até a formação continuada, incluindo cursos de aperfeiçoamento, palestras, congressos etc. Tudo isso só é possível se o professor tiver acesso a tais recursos como também disponibilidade e

vontade de se submeter a novos caminhos de aprendizagem, tornando-se assim um professor-pesquisador.

Diante disso, muitos docentes até concordam com as mudanças no ensino, mas não conseguem assumir uma postura diferente, pois seu saber fazer está em uma aula mais repetitiva. Mudar essa forma de pensamento não é tarefa fácil. O Ministério da Educação está investindo em programas de inclusão digital. Exemplo disso é o ProInfo (Programa Nacional de Tecnologia Educacional), programa de formação voltado para o uso didático-pedagógico das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no cotidiano escolar. Porém, a maioria das escolas não possui todo o aparato para a informatização, e parte das tecnologias existentes na instituição é utilizada de forma superficial pelos professores, isso acontece porque falta letramento pedagógico por parte dos docentes, conforme dissemos anteriormente.

3.3 Da formação à prática

Desde que iniciamos os estudos sobre o tema letramento, nas nossas conversas informais com educadores, deparamo-nos com um discurso repleto de “desabafos”, marcado por estereótipos do uso da informática na educação: “não fomos preparados para lidar com o computador”; “a escola não oferece cursos de capacitação”; “precisamos de um técnico em informática para nos auxiliar durante as aulas”; “a infraestrutura da escola não é adequada”.

Em 2001, em sua dissertação de mestrado, Marcelo Buzato já refletia a respeito da tecnofobia de alguns docentes em relação às novas tecnologias. No entanto, há indícios de que essa situação ainda persista em algumas escolas.

Buzato (2001) salienta que o educador precisa buscar a sua própria autonomia e isso inclui a tecnologia.

[...] a não adoção do computador como ferramenta de ensino pode ser, em princípio, atribuída à falta de motivação do professor que o impede procurar familiarizar-se com o uso dessa máquina. No entanto, esta explicação parece limitada, já que existem professores que, embora se mostrassem bastante motivados para explorar os recursos oferecidos pelo computador, também enfrentavam muitas dificuldades para fazê-lo de forma autônoma, a despeito da disponibilidade de computadores em suas instituições e da pressão institucional para que esses fossem utilizados. (BUZATO, 2001, p. 15).

Assim, pode-se inferir que há indícios de que problema não esteja na motivação:

A formação e a atuação de docentes para o uso da informática em educação são um processo que interrelaciona o domínio dos recursos tecnológicos com a ação pedagógica e com conhecimentos teóricos necessários para refletir, compreender e transformar essa ação. (SANTOS; RADTKE, 2005, p. 328).

Arriscamo-nos a dizer que essa “formação” pautada numa capacitação que envolve uma nova configuração social, deve contemplar o cotidiano do indivíduo, independentemente da profissão. Práticas como, por exemplo, operações em caixas eletrônicos, internet banking e compras pela Internet, muitas vezes, já são corriqueiras. Se não são para alguns, provavelmente passarão a ser, pois a sociedade requer isso do indivíduo.

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimento e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso. (CASTELLS, 1999, p. 69).

Nesse sentido, se esse indivíduo, sendo professor ou não, tem conhecimento dessa nova tecnologia e, ainda, apropriou-se dela, o seu uso pode se tornar algo mais informal e natural no seu fazer pedagógico. Em outras palavras, é utilizar o próprio conhecimento, procurar informar-se sobre outros, para agir em prol das suas necessidades.

Poderia ser relevante um estudo contemplando a realidade do letramento digital nas escolas e, ainda, pesquisas sobre o investimento que é feito, hoje, na formação dos professores, justamente para divulgar experiências positivas.

De qualquer maneira, seria válido um investimento global nas práticas de uso do ambiente virtual. Um investimento do governo, da instituição escolar, da equipe pedagógica e do próprio profissional de ensino. Isso porque os professores precisam “acompanhar” os alunos considerados das gerações Z e Alpha.⁴ Prensky (2001) denomina essa geração de nativos digitais. Prensky (2010) ainda pontua que a educação do século XXI deve abrir um espaço de reflexão em vários aspectos para

⁴ A geração Z (nascidos após 1990) e a Alpha (nascidos a partir de 2010), cf. PRENSKY (2010).

atender as demandas que emergem, mas que o fundamental, do seu ponto de vista, é o aspecto pedagógico.

É necessário, que os professores tenham um letramento pedagógico sobre o que eles estão utilizando, como por exemplo, que saibam lidar com a interpretação de hipertextos e com outras linguagens. Dessa forma, podemos perceber que “as tecnologias mudam o trabalho, a comunicação, a vida cotidiana e mesmo o pensamento” (PERRENOUD, 1999, p. 05), o que exige a renovação da escola. É necessário que os docentes adquiram uma atitude favorável e compreendam o potencial e as limitações das TIC para uso pedagógico e didático.

Assim, diante dos avanços tecnológicos, principalmente no que se refere ao uso da informática no nosso cotidiano, notamos que é necessário rever os objetos de ensino e as formas de trabalhar com esse objeto. Essa dinâmica requer a preparação da aula, que envolve um planejamento para ministrar um conteúdo X, utilizando determinada tecnologia.

Mas, para isso, é interessante que os educadores possam estar preparados diante desse novo meio de aprendizagem, para que possam adaptar suas aulas a esses novos suportes. Esse preparo envolve muito mais do que saber a técnica, ou seja, o professor precisa ter uma visão crítica do uso dessa tecnologia para poder discernir entre as vantagens e desvantagens do seu uso, em cada situação.

Essa capacitação poderia começar ainda na graduação, no curso de licenciatura, ou seja, o uso das TIC na educação precisa estar inserido na grade curricular para que os docentes comecem a ter essa consciência para que, posteriormente, possam aplicá-las em sua prática de ensino.

[...] situada na vida e na cultura de seus alunos, pois o currículo de uma escola não trata apenas de ‘matérias’. A principal disciplina da escola, do ponto de vista cultural, é a própria escola. É esta a experiência de escola que a maioria dos alunos tem e que determina, por sua vez, o significado que eles atribuem à escola. (BRUNER, 2001, p. 35).

Sendo assim, diante desse novo cenário do século XXI, em que o avanço tecnológico está acontecendo de forma rápida na sociedade, é necessário que a escola também esteja preparada para essa mudança, o que inclui não somente os professores, mas toda a equipe pedagógica da instituição.

No entanto, é muito comum ainda encontrarmos alguns professores que se mostram resistentes a essa nova prática de ensino. Segundo Coscarelli (2005, p.

25), “[...] a informática não vai substituir ninguém. Ela não vai tomar o lugar do professor nem vai fazer mágica na educação.”.

No entanto, a tendência é que esses profissionais mudem de postura e comecem a incorporar, aos poucos, mesmo que de forma primária, o uso das TIC como um apoio em suas aulas. Algumas escolas, inclusive preocupadas com a formação docente já estão iniciando essa formação, mesmo que de forma tímida, conforme afirma Buzato (2006):

As mudanças mais óbvias, e, talvez por isso, as que têm sido mais debatidas e implementadas, são as que dizem respeito à necessidade de acesso do professor, em formação ou em serviço, às novas tecnologias (algo que tem sido feito não apenas pela implantação da infra-estrutura na escola e locais de treinamento, mas através de iniciativas de financiamento subsidiado para a compra de computadores por parte de professores, e outras) e a sua capacitação básica para o uso de computadores e Internet (algo que se costuma chamar, indevidamente, do meu ponto de vista, de "alfabetização digital" do professor). Mas tendo em vista o que se espera do professor, isto é, que efetivamente integre o computador à sua prática profissional e a transforme para melhor inseri-la no contexto sócio-histórico presente, há, certamente, muito mais a fazer. (BUZATO, 2006, p. 09).

Observamos, nos dizeres acima, que as escolas estão tentando fazer a sua parte. Um desses exemplos ocorre em Minas Gerais com o projeto “Local, Digital e Global”, coordenado pela professora Ana Elisa Novais, cujo objetivo principal é promover o letramento digital dos professores, apresentando para eles algumas possibilidades da cultura digital para que os docentes possam aplicar, de forma pedagógica, esses recursos em suas aulas. Abaixo, segue uma breve descrição do projeto:

[...] prevê oficinas de curta duração sobre cultura digital para professores de educação básica da rede pública de ensino de Mariana, atuantes em seis distritos: Bandeirantes, Cachoeira do Brumado, Furquim, Águas Claras, Passagem de Mariana e Santa Rita Durão. Serão 25 atendidos em cada uma das oficinas. Essas oficinas serão oferecidas por especialistas e acompanhadas por doze alunos de cursos de graduação do IFMG, contemplados com bolsas de extensão. As oficinas terão foco em práticas possíveis mediadas por tecnologia digital, e não no aprendizado de técnicas descontextualizadas e não-integradas. Conhecendo os limites e possibilidades das tecnologias digitais, compreendendo a dinâmica da cultura digital e sua abrangência, os professores terão oportunidade de reinterpretar prática docente e qualidade de vida. Esses encontros abrangerão temas diversos, como patrimônio e memória, fotografia e imagens digitais, rádio e podcast, interfaces digitais, entre outros. Os bolsistas atuarão como monitores do projeto, atendendo às escolas e a seus professores em demandas como orientação sobre manutenção e suporte de computadores, participação nas oficinas, realização das atividades on-line, entre outros. O projeto prevê também a criação de um

ambiente virtual colaborativo para divulgação e troca de seqüência didáticas geradas para e nos cursos (Wikidificador). Esses planos de aula formarão um banco aberto, colaborativo e dinâmico, que todos os professores poderão consultar e utilizar para desenvolver atividades com seus alunos. Além de consultados, os planos de aula também poderão ser comentados, alterados, personalizados, de acordo com cada contexto, cada realidade escolar. (LOCAL, DIGITAL, GLOBAL..., 2013).

Como se pode observar, o projeto aguça a curiosidade do docente, estimulando a prática das TICs, e ainda, aponta resultados favoráveis com relação a sua utilização. Nessa linha, não há somente um discurso em torno de um fazer docente ligado às novas tecnologias, mas também, um agir em prol dessa realidade.

Outro exemplo de capacitação é o projeto que Melo (2011) desenvolve:

O curso Utilização Pedagógica das Mídias Digitais foi ofertado pela primeira vez em 2006, em vários municípios baianos pelo NTE⁵, e incluía no seu programa a apresentação das diversas ferramentas que poderiam ser utilizadas em práticas pedagógicas e concluía com a elaboração e execução de projetos interativos na própria unidade escolar onde atuavam os professores participantes [...] oferecido para os professores do ensino médio da rede estadual pública da alçada das Diretorias Regionais de Educação 14 e 20, sediados, respectivamente, em Itapetinga e Vitória da Conquista, o curso Utilização Pedagógica das Mídias Digitais ofertado pelo NTE 16 está estruturado em 6 módulos com conteúdos específicos: Módulo 1 - Tecnologias na educação e a inclusão digital; Módulo 2 - pesquisa na Web Módulo 3 - Blog; Módulo 4 - Webquest; Módulo 5 - TV e Vídeo ;Módulo 6 - Projeto final [...]. (MELO, 2011. p. 04).

Pelo que é relatado, o curso de capacitação oferecido pelo NTE, nos municípios baianos, contribui muito para a formação do docente nesse estado. De acordo com Melo (2011), o curso, em forma de oficinas, foi desenvolvido de acordo com a realidade dos professores para que eles pudessem aplicar a teoria na sua vivência como docente.

É fato que a educação tem um papel na sociedade tecnológica e esta inclui as TIC, além de uma formação continuada para aqueles que fazem uso desses instrumentos.

3.4 Informática na educação

⁵ NTE - Núcleo de Tecnologia Educacional

Hoje, muitos estudos ligados à apropriação das novas tecnologias permeiam as universidades e as escolas de ensinos médio/fundamental. Ribeiro e Novais (2012), por exemplo, orientam, por meio de projetos, trabalhos, que podem ser realizados com os alunos em sala de aula – alguns deles utilizando a Internet.

Ribeiro (2012) discute o uso do Google Docs para fins de aprendizagem. No exemplo citado pela autora, os alunos tiveram que fazer um resumo acadêmico, tendo como referência um artigo-base, que foi compartilhado pela professora entre os estudantes. O texto é muito pertinente e nos instiga a repensar que podemos usar a tecnologia no planejamento das aulas, ou seja, as novas tecnologias não precisam ser utilizadas somente dentro da sala de aula, mas também existe a possibilidade de fazer trabalhos remotamente.

Mais uma vez pensando nessa interação dos alunos, Novais (2012) desenvolveu em sua aula um jogo de charadas. Como instrumento para a criação do projeto, a professora sugeriu o software PowerPoint para a criação dos slides. No desenrolar do trabalho, os alunos utilizaram a ferramenta WordArt, como também a inserção de imagens para construção do jogo. É importante ressaltar que a atividade foi discutida primeiramente em sala de aula, e realizada de forma manual, para que os alunos pudessem compreender o objetivo da tarefa. Feito isso, os estudantes foram conduzidos ao laboratório de informática para que pudessem desenvolver o trabalho de forma digital.

Coscarelli e Ribeiro (2005) incentivam o uso dos recursos tecnológicos durante as aulas. Elas afirmam ainda que: “o que temos o privilégio de presenciar não é o surgimento de uma máquina de escrever sofisticada, mas sim, de uma tecnologia que vem instaurando novas formas de comunicação e o aperfeiçoamento das já existentes” (COSCARRELLI; RIBEIRO, 2005, p. 152). Ou seja, o computador já é uma presença efetiva na vida social e, por isso, não pode se isentar de ser usado em sala de aula. Ele é uma tecnologia com muitos recursos e deve, sim, ser aproveitado no ambiente educacional, desde que as atividades propostas sejam planejadas e desde que o professor saiba manuseá-lo e conduzir sua aula com essa tecnologia. Por tal razão, cabe ao professor se preparar para usar esses recursos, de forma correta e pedagógica, pois não basta somente dar uma aula mais “animada”, é necessário saber porque e para que se utiliza determinado recurso, isto é, qual benefício terá o estudante com essa didática.

Outro ponto importante a ser observado é que cada professor possui uma cultura diferente, e isso implica formas de pensar distintas em relação ao uso do computador como ferramenta pedagógica. Diante de alguns obstáculos para o letramento digital mediado pelos professores, Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 28) questionam: “Não estariam contribuindo para a exclusão aqueles professores que acreditam que a informática não é a realidade de nossos alunos?”.

Os computadores, a Internet e outras ferramentas podem ser utilizados durante as aulas, facilitando o trabalho do professor. Por essa razão, seria interessante investir nesse profissional desde a sua formação inicial até a continuada, para que ele possa contribuir cada vez mais para a aprendizagem, introduzindo e/ou unindo as novas tecnologias digitais aos seus procedimentos didáticos, integrando essas novas tecnologias às técnicas que costuma utilizar.

Obviamente, todas essas mudanças trazem consequências para a sociedade e, às vezes, geram o receio e a insegurança do docente para complementar suas atividades de aula com base em novos paradigmas educacionais.

Então, mais uma vez, ressaltamos que o docente precisa estar consciente do uso das TIC na educação e, o mais importante, de como inseri-las no conteúdo da sua disciplina. A utilização das novas tecnologias é um fato, não podendo ser ignorada e a escola precisa se adequar a esta nova forma de ensino. É importante destacar que a aula expositiva também é válida. No entanto, no século XXI, não é o suficiente, pois com o avanço das tecnologias, uma grande variedade de informações está presente na vida dos estudantes, e cabe ao educador ajudar o discente organizar e selecionar essas informações da melhor forma possível.

De acordo com os dizeres acima, notamos o quanto é importante a formação do professor no que se refere a sua imersão na cultura digital. Para isso, talvez fosse importante uma formação que contemple o uso das TICs na educação.

Sendo assim, no próximo capítulo, descreveremos a questão do professor como um mediador do conhecimento, como também a questão de outros letramentos que são exigidos para o profissional do século XXI. Além disso, uma nova forma de ensino pautada na troca de informações entre alunos e professores também será discutida nesse texto.

4 NOVOS DESAFIOS: O PROFESSOR E O LETRAMENTO DIGITAL

4.1 O professor e uma nova forma de ensino

Durante este estudo, percebemos que os desafios encontrados para uma nova forma de educação, pautada na colaboração entre professor e aluno, e ainda, aliados à inserção das novas tecnologias na educação, ainda são grandes. Muitas vezes, conforme afirma Rojo e Moura (2012, p. 31), “nossos desafios não estão no embate com a reação, mas em como implementar uma proposta assim”, isto é, envolvendo uma coparticipação entre discente e docente. Nessa linha, a autora abre uma reflexão em torno do

[...] que fazer quanto a formação/remuneração/avaliação de professores. O que mudar (ou não) nos currículos e referenciais, na organização do tempo, do espaço e da divisão disciplinar escolar, na seriação, nas expectativas de aprendizagem ou descritores de “desempenho”, nos materiais e equipamentos disponíveis nas escolas e salas de aula. (ROJO; MOURA, 2012, p. 31).

Arriscamo-nos a dizer que, se professores e alunos aderirem a uma nova forma de ensino, na qual haja uma troca de ideias e de experiências, os desafios podem ser minimizados, pois prevalecerá um trabalho em conjunto. A ideia para essa pesquisa é justamente esta: tentar contribuir um pouco para a formação do professor.

Lemke (2010, p. 461) aborda uma questão muito interessante: “quais são os novos letramentos que as novas tecnologias da informação estão tornando tanto necessários quanto possíveis?” Em 1996, o autor já discorria sobre a questão de habilidades de autoria multimidiáticas, análise crítica, estratégias de exploração do ciberespaço e habilidades de navegação do ciberespaço. Podemos perceber, então, que tais preocupações já existiam e são retomadas aqui, nesta pesquisa.

Tentamos deixar claro que a formação do professor poderia abranger a questão do letramento crítico para que o docente e o aluno possam ter opiniões bem fundamentadas sobre determinando assunto, no que se refere às novas tecnologias. Cabe ressaltar que o letramento crítico é fundamental para que o docente saiba o momento certo de usar as novas tecnologias e, ainda, como utilizá-las com seus alunos, em seu cotidiano.

A questão da autoria também poderia ser trabalhada nos cursos de licenciatura. Muitas vezes, o professor conclui a graduação sem ter conhecimento de que existem ferramentas gratuitas que podem auxiliá-lo no fazer docente. Então, a grande questão é esta: como compreender o que as novas tecnologias demandam de nós? E como adotá-las ou adaptá-las para transformar as relações e as estruturas sociais? Gostaríamos de destacar que o primeiro passo é a formação inicial como docente; em seguida, ciência do uso que se deve fazer de tal saber.

Infelizmente, se as instituições de ensino não se adequarem a essa nova forma de aprendizado, e os nossos professores continuarem excluídos digitalmente, isto é, com medo de ministrar uma aula em que o aluno saiba mais do que ele, o problema em torno da educação tende a aumentar. Conforme ressalta Lemke (2010) precisamos transformar os paradigmas de aprendizagem. O autor pondera sobre dois tipos de paradigmas utilizados nas instituições:

O paradigma de aprendizagem curricular é dominante em instituições tais como escolas e universidades. O paradigma curricular assume que alguém decidirá o que você precisa saber e planejará para que você aprenda tudo em uma ordem fixa e em um cronograma fixo. Este é o paradigma do capitalismo industrial e da produção de massa baseada na fábrica. Desenvolveu-se simultaneamente a eles e em acordos filosóficos muito próximos; dá suporte às suas redes mais amplas de emprego e carreira e se assemelha a eles em autoritarismo, planejamento de cima para baixo, rigidez, escala econômica e incompatibilidades gerais ao novo mundo baseado no 'capitalista veloz. Por parte dos alunos, há ampla recusa e resistência, e seus resultados finais promovem pouco mais de utilidade demonstrada no mundo não acadêmico do que promovem alguns letramentos textuais e certificados de membro da classe média. (LEMKE, 2010, p. 469).

Esses dois paradigmas educacionais estão em conflito, o primeiro diz respeito ao método tradicional de ensino e o segundo corresponde à forma de aprendizagem interativa.

O paradigma da aprendizagem interativa domina instituições como as bibliotecas e os centros de pesquisa. Assume-se que as pessoas determinam o que elas precisam saber baseando-se em suas participações em atividades em que essas necessidades surgem e em consulta a especialistas conhecedores; que eles aprendem na ordem que lhes cabe, em um ritmo confortável e em tempo para usarem o que aprenderam. Este é o paradigma da aprendizagem das pessoas que criaram a internet e o ciberespaço. É o paradigma mais do acesso à informação do que da imposição à aprendizagem. É o paradigma de como pessoas com poder e recursos escolhem aprender. Seu resultado final é geralmente satisfatório para o aprendiz e frequentemente útil para os negócios ou para a academia. (LEMKE, 2010, p. 469).

É importante que as escolas reflitam sobre a possibilidade de mudança de paradigmas, já que vivemos em um mundo globalizado. As instituições de ensino precisam acompanhar esse desenvolvimento, visto que outras áreas como medicina, finanças, administração, aos poucos, vêm incorporando essa nova prática.

Levando em consideração a necessidade da articulação do fazer docente com as novas tecnologias, no próximo capítulo, ilustraremos a trajetória metodológica desta pesquisa e apresentaremos os resultados referentes ao uso das TIC. Cabe pontuar que, neste estudo, o foco não está em avaliar o professor como profissional, mas, em observar os seus discursos e suas práticas efetivas sobre o uso da apropriação tecnológica em suas aulas.

5 METODOLOGIA

5.1 Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa é de investigação mais centrada na descrição de fatos e atitudes dos sujeitos envolvidos, no caso, os professores. Nesse tipo de pesquisa, a interação entre pesquisador e sujeito é importante.

Caracterizar a pesquisa qualitativa não é fácil. A dificuldade começa com a enorme variedade de denominações que compõem essa vertente: naturalista, pós-positivista, antropológica, etnográfica, estudo de caso [...]. Além disso, essas diferentes denominações refletem origens e ênfases diversas, o que resulta em uma grande variedade de definições, características consideradas essenciais a estratégias de pesquisa. Apesar de nenhuma das denominações existentes nos parecer satisfatória, optamos pela expressão “pesquisa qualitativa” por duas razões: *por apresentar abrangência suficiente para englobar essas múltiplas variantes; e * por ser a mais frequentemente encontrada na literatura. (ALVES, 1991, p. 54).

Procuramos proporcionar novas visões sobre uma realidade já conhecida, por isso privilegiamos uma interpretação de dados pautada em categorias semânticas.

A pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos. (ESTEBAN, 2010, p. 127).

Esteban (2010) resumiu algumas características da pesquisa qualitativa, de acordo com três trabalhos clássicos:

De acordo com Taylor e Bogdan (1987), a pesquisa qualitativa é indutiva. Pressupõe uma perspectiva holística e abre espaço para a sensibilidade integrando os sujeitos da pesquisa. Já para Eisner (1998), os estudos qualitativos preveem um estado de arte pautado no uso da linguagem expressiva. Além disso, os estudos qualitativos tendem a estar focados no próprio pesquisador como instrumento.

Rossaman e Rallis (1998a) ressaltam que esse tipo de pesquisa utiliza muitas estratégias interativas, o que requer um raciocínio multifacetado com foco interpretativo.

No caso deste estudo, a pesquisa qualitativa nos possibilitou um estudo em profundidade, marcado por um percurso de interação entrevistador e professor e, ainda, pela observação da prática docente.

5.2 Pesquisa qualitativa em educação

Uma das classificações mais utilizadas dos métodos de pesquisa qualitativa em educação é aquela que distingue as diversas metodologias, conforme se encontrem basicamente orientadas para:

- A predição e o controle;
- A compreensão;
- A transformação educativa.

Nos dizeres a seguir, podemos perceber essa visão:

Para nós abrange basicamente aqueles estudos que desenvolvem os objetivos de compreensão dos fenômenos socioeducativos e a transformação da realidade. Nos últimos anos, apareceram com grande força os estudos que, de uma qualitativa e colaborativa, estão voltados para a valorização da prática educativa e a tomada de decisões (processos, programas, inovações) e também os processos de pesquisa cujo objetivo fundamental é a emancipação dos sujeitos. (ESTEBAN, 2010, p. 130).

5.3 Procedimentos para geração de dados

5.3.1 Escolha dos sujeitos

Primeiramente, tivemos um período exploratório, em que procuramos entrevistar professores de todos os níveis que já utilizavam algum recurso digital em suas aulas. Postamos uma mensagem em uma rede social, no caso, o Facebook, e obtivemos 45 comentários.

Em seguida, selecionamos professores dos ensinos fundamental e médio que lecionam diferentes disciplinas. Para essa seleção, observamos como os sujeitos, nas postagens, nos modos de dizer, posicionavam-se em relação ao uso das novas

tecnologias. Aqueles que se mostraram favoráveis a essa nova forma de ensino e que, de alguma forma, já se apropriavam do uso nas TICs, foram os escolhidos.

Após o convite de participação na pesquisa, os docentes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). A pesquisadora apresentou-lhes formalmente o documento que esclarece os procedimentos a serem efetuados durante a pesquisa, enfatizando que a participação deles seria voluntária, anônima, ausente de qualquer ônus e passível de desistência a qualquer momento. Os docentes poderiam levar o documento consigo, para examiná-lo com atenção, antes de assiná-lo.

Os professores optaram por ler o documento juntamente com a pesquisadora, assinando-o no mesmo momento e se disponibilizando a realizar quaisquer atividades solicitadas dentro da proposta apresentada.

Para manter o sigilo das identidades dos participantes, nomeamos cada uma pelas letras do alfabeto, respectivamente, A; B; C; D; E; F.

5.3.1.1 A professora A

A professora A atua como docente em duas escolas privadas de classe média alta, na cidade de Belo Horizonte. É formada em Letras pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e leciona língua portuguesa para alunos dos ensinos fundamental e médio.

Quando indagada sobre a sua relação com a tecnologia, a professora A relatou que já possui contato com as novas ferramentas da era digital. E, além disso, a escola na qual leciona, oferece uma infraestrutura adequada para o seu trabalho, o que, segundo a docente, facilita o seu fazer nesse contexto.

5.3.1.2 Professor B

O professor “B” atua como docente em uma Instituição Federal que abrange alunos de todas as classes. É formado em Letras pela UFMG e leciona língua inglesa para alunos dos ensinos fundamental e médio.

Com relação à tecnologia, o professor B mencionou que já possui contato com as novas ferramentas da era digital.

A escola na qual leciona não oferece uma infraestrutura tão satisfatória para o seu trabalho. Mesmo assim, segundo os seus dizeres, busca se atualizar em relação às TICs, por meio dos próprios recursos. Ressalta que os alunos dessa instituição já possuem contato com as novas tecnologias, o que segundo ele, requer uma busca constante, por parte do docente, por uma formação continuada.

5.3.1.3 Professora C

A professora C também atua em uma escola privada de classe média alta, na cidade de Belo Horizonte. É formada em Letras pelo UNI-BH (Centro Universitário de Belo Horizonte) e leciona língua portuguesa para alunos dos ensinos fundamental e médio.

Com relação à tecnologia, a professora C ressaltou a importância do seu uso no seu fazer docente. Segundo a professora “C”, a escola em que leciona possui toda infraestrutura necessária para a inserção das TICs na educação. Os alunos também possuem equipamentos tecnológicos atualizados e pedem com frequência ao professor a utilização das novas tecnologias.

5.3.1.4 Professora D

A professora D atua como docente em uma escola privada de classe média baixa, na cidade de Belo Horizonte. É formada em História pelo UNI-BH e leciona a disciplina para alunos do ensino fundamental e médio.

Com relação à tecnologia, a professora D destacou a importância do seu uso para que os alunos fiquem motivados com a sua disciplina. De acordo com a docente, ela não possui muita familiaridade com as TICs, porém, tenta utilizá-las, mesmo que de forma discreta em suas aulas.

A escola em que leciona não possui infraestrutura adequada e, segundo a professora, a gestão escolar não faz muita questão de facilitar o trabalho do docente para que ele faça uso dessas ferramentas digitais. Salaria que os alunos possuem

equipamentos tecnológicos mais simples, no entanto, também pedem para que a professora faça uso das novas tecnologias.

5.3.1.4 Professora E

A professora “E” atua como docente em uma escola privada de classe média baixa e também em uma escola pública de periferia, na cidade de Belo Horizonte. É formada em Letras pelo UNI-BH e leciona a disciplina de língua espanhola para alunos do ensino fundamental e médio.

Com relação à tecnologia, a professora E acredita ser de grande importância sua utilização na educação.

A professora D e a professora E trabalham na mesma escola privada, e as duas docentes relataram os mesmos problemas relacionados à infraestrutura.

Já na escola pública, a professora E relatou ainda mais problemas relacionados à parte de infraestrutura. De acordo com ela, há indícios de que a coordenação da escola possui certo receio de liberar os equipamentos para uso nas aulas. Salientou que os alunos dessa escola pública possuem menos contato com a informática; de acordo com a docente eles não acompanham muito a evolução dos equipamentos tecnológicos, no entanto, apresentam grande vontade de conhecer mais sobre o assunto.

5.3.1.4 Professor F

O professor F atua como docente em uma escola privada de classe média baixa, na cidade de Belo Horizonte. É formado em Letras pelo UNI-BH e leciona a disciplina de língua espanhola para alunos do ensino fundamental e médio.

Com relação à tecnologia, o professor F deixa claro que ela é de grande importância, tendo em vista a realidade dos alunos, já que, segundo o docente, os alunos nasceram nessa era digital. Segundo esse professor, a infraestrutura da escola é boa e a parte pedagógica apoia o professor com relação ao uso das novas tecnologias. Ressaltou que os alunos possuem vários equipamentos tecnológicos e sentem-se mais motivados quando ele utiliza as TICs em sua disciplina.

5.3.2 Contato com os sujeitos

O contato com os educadores realizou-se por e-mail e telefone. Informamos a eles sobre o que consistiria a pesquisa.

Dos 20 contatados, seis se mostraram dispostos a colaborar com a pesquisa. O restante mostrou certa resistência quando dizíamos que sua aula seria observada. Os professores sempre perguntavam para a pesquisadora: “*Vai ser uma aula normal?*”; “*Terei que usar tecnologia esse dia?*”; “*Vou ter que fazer alguma coisa diferente?*”.

Esse receio não aconteceu somente por parte do professor, mas também dos coordenadores das escolas em que os mesmos lecionavam. Os coordenadores pedagógicos sempre indagavam o porquê da observação, como também exigiam que a visita fosse agendada para o dia e horário específico estabelecido por eles. Esse fato é corriqueiro, conforme podemos perceber nos dizeres abaixo:

Frequentemente pesquisadores iniciantes encontram certa dificuldade de obter esse acesso, sobre tudo quando este estudo focaliza uma instituição (como por exemplo, uma escola, uma empresa, um sindicato). As instituições costumam ter procedimentos formais para conceder autorização para a entrada de um observador externo, bem como dar acesso a determinados espaços e documentos. (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 160).

Quando a pesquisadora chegava à escola, era recepcionada e direcionada à coordenação, que a conduzia para a sala de aula. É importante ressaltar, que de um total de seis educadores, conseguiu-se assistir somente às aulas de três profissionais. As coordenadoras das outras instituições desculpavam-se e justificavam: “*O laboratório está estragado.*”; “*Não estou conseguindo autorização para a sua entrada no colégio.*”; “*A escola está em reforma.*”. Telles (2002) ilustra um episódio semelhante em sua pesquisa, no momento em que precisou fazer uma investigação sobre a escola, a sala de aula ou a prática pedagógica de um professor:

É quando ouvimos as professoras dizendo a frase acima “É pesquisa, é?” “Ah, não quero, não, bem!”; ou outras alternativas, tais como, “Cobaia? Eu, hein!”, “O que será que ela quer saber sobre minha sala de aula? No que vou ser avaliada?”. É quando encontramos as portas das escolas e das salas de aulas fechadas a cadeados, como se nos deparássemos com uma placa “Estagiários, Pesquisadores ou Educadores de Professores Não São Bem-Vindos”. (TELLES. 2002, p. 93).

5.4 Geração e coleta de dados

5.4.1 Entrevista *semiestruturada*

Como meio de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada. Optamos por esse tipo de entrevista, pois ela permite a utilização de um roteiro de perguntas que pode ser adaptado de acordo com a necessidade do entrevistador, ou seja, se necessário, o pesquisador pode modificar algo no momento das perguntas. Para Lakatos e Marconi (2011a), a entrevista semiestruturada, também chamada de assistemática, abre espaço para um diálogo entre pesquisador e entrevistado.

De acordo com Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (1999, p. 168), a entrevista, por ser de natureza interativa, “permite tratar de temas complexos, que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade”.

As entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas. O principal interesse do pesquisador é conhecer o significado que o entrevistado dá aos fenômenos e eventos de sua vida cotidiana, utilizando seus próprios termos. A entrevista permite o tratamento de assunto de caráter pessoal. Todavia, seria aconselhável o uso de um roteiro simples, que guie o entrevistador pelos principais tópicos. (LAKATOS; MARCONI, 2011a, p. 278).

Certamente as entrevistas também possuem limitações, como por exemplo, o fato de o informante pode tentar mascarar a realidade ou não fornecer respostas verdadeiras e completas.

Quando há dificuldade de expressão, de comunicação, ou incorporação clara dos significados, levando a uma falsa interpretação. Há possibilidade de o entrevistador sofrer influência do questionado. Outros aspectos são: retenção de dados importantes e ser de longa duração, não sendo econômica. (LAKATOS; MARCONI, 2011a, p. 280).

Antes de começar as entrevistas, que foram gravadas utilizando um smartphone, o pesquisador esclarecia para o entrevistado os objetivos da pesquisa, como também respondia a alguma dúvida que porventura o entrevistado tivesse.

As entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade do entrevistado. A pesquisadora deslocou-se, conforme a escolha do entrevistado

(residência, escola em que leciona e até mesmo no local onde a pesquisadora estuda).

Os encontros foram realizados de forma presencial e oral; o pesquisador possuía um roteiro que o auxiliava, o que não impedia que durante a conversa surgisse algum assunto (e surgiu em todas as entrevistas) que não estava diretamente ligado ao esquema de perguntas e que pudesse acrescentar algo de importante à investigação dos dados.

5.4.2 Observação não participante nas visitas às escolas

Outra técnica complementar à geração dos dados foi a observação não participante. Para Lakatos e Marconi (2011b, p. 78), “o pesquisador toma contato com a realidade, grupo, ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora” isto é, a pesquisadora não interferia em nenhum momento na aula do professor.

Segundo Alves-Mazotti e Gewandsznajder (1999, p. 164), “A observação de fatos, comportamentos e cenários é extremamente valorizada em pesquisas qualitativas.”. Além disso, é bem ampla, estuda um conjunto de fenômenos e permite verificar as atitudes e comportamentos das pessoas.

Durante a observação, percebeu-se claramente o constrangimento de alguns docentes no momento da aula, como também da equipe pedagógica no momento em que a pesquisadora entrava na sala de aula e começava as anotações.

As anotações durante a observação foram realizadas em um caderno, com o intuito de se contrapor os relatos dos educadores nas entrevistas à sua prática pedagógica.

5.5 Procedimentos de análise dos dados – justificativa da metodologia utilizada

No exame dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), a fim de se interpretar a concepção do uso das tecnologias. Assim, por meio da técnica de conteúdo temático, foram eleitas categorias consideradas chave para a

interpretação dos dados: tema, escolhas lexicais, frequência dessas escolhas lexicais.

De acordo com Bardin (1977, p. 09), a análise de conteúdo é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos extremamente diversificados”.

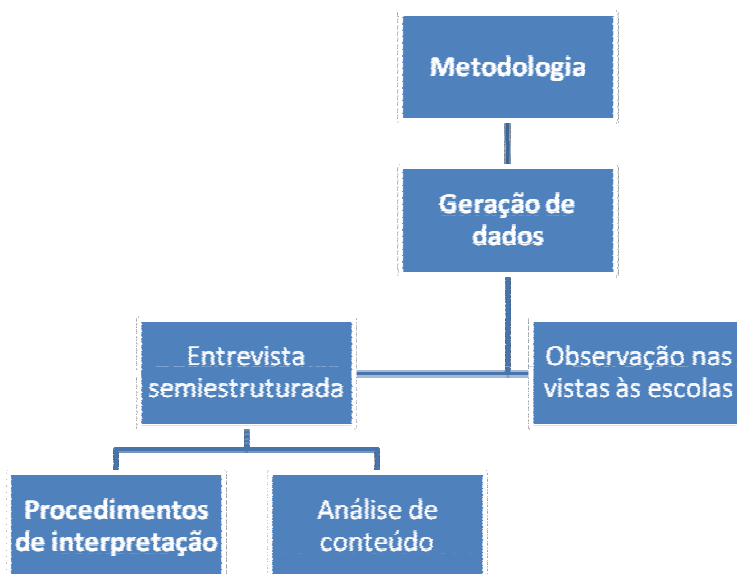
Quadro 1 – Análise de Conteúdo

Objeto	Palavra
Papel	Trabalha a palavra como foco na prática da língua realizada pelos emissores.
Análise	Procura compreender os participantes ou o contexto num determinado momento.
Ocupação	Leva em consideração as significações e a forma de conteúdo.
Estudo	Procura alcançar a significação profunda, um sentido estável; trabalhar com as inferências e buscar outras realidades por meio das mensagens.

Fonte: adaptado de BARDIN, 1977, p. 34.

Convém esclarecer que a semântica está muito próxima de uma abordagem do conteúdo, levando em consideração os significados. Nessa linha, a semântica funciona como um “material principal da análise de conteúdo” (BARDIN, 1977, p. 44). Cabe destacar que essa abordagem não se limita ao conteúdo, exclusivamente, pois abarca também um estudo do significado (BARDIN, 1977). Seguindo essa abordagem de análise, observaram-se nos discursos dos professores as escolhas lexicais mais recorrentes para se inferir um determinado posicionamento. Para isso, a partir da interpretação dos discursos, categorias semânticas, tais como, infraestrutura, capacitação, motivação e uso, foram criadas, para se mapear os pontos de vista. Essas categorias emergiram a partir das escolhas lexicais mais recorrentes.

Figura 1 – Caminho metodológico



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para facilitar o entendimento, resumimos no fluxograma acima, o nosso caminho metodológico que seguiu a seguinte trajetória: i) gerando os dados; ii) entrevista semiestruturada; iii) observação; iii) análise dos dados.

Os dados foram gerados em dois momentos da pesquisa: na entrevista e na visita às escolas. Convém esclarecer que optamos pela denominação “geração de dados”, assumindo o posicionamento de Mason (1996, p. 35). Acreditamos que o pesquisador e sua interpretação já se incluem no contexto da pesquisa no momento das observações e das escolhas por ele feitas. Segundo Mason (1996), o pesquisador, no momento da geração de dados, não se afirma como um ‘coletor’ neutro de informações sobre o mundo social, pois este, também, faz escolhas.

Seguindo a trajetória metodológica, para gerar os dados, marcamos com os participantes do estudo, uma entrevista composta por um roteiro (Apêndice A) que nos orientava durante a discussão. E, ainda uma visita nas escolas que nos permitiram a observação de uma aula do professor.

O que denominamos de visita/observação nas escolas, na realidade, constitui uma técnica complementar para análise dos dados. Temos ciência de que não é possível observar em apenas uma aula se o professor se apropria das TICs no seu fazer, porém acreditamos que essa observação poderia nos dar pistas acerca dessa prática.

Com os dados gerados, partimos para as análises por meio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Procuramos interpretar os resultados, tendo

em vista as escolhas lexicais mais recorrentes no discurso dos professores. Para isso, categorias semânticas foram criadas, com o intuito de mapearmos os dizeres dos docentes e chegarmos a uma possível conclusão, a fim de comprovarmos ou não nossas hipóteses.

6 ANÁLISE

A interpretação dos dados foi feita pela Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), o que nos permitiu refletir sobre os tópicos que emergiam recorrentemente nas falas dos participantes. A escolha por essa forma de tratamento da informação se justifica, pois assumimos que a análise de cunho temático nos orienta para a descoberta de “núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo escolhido” (BARDIN, 1977, p. 105).

Para proceder à análise de conteúdo, utilizamos como referência a questão de partida da investigação: como os professores letrados digitalmente apropriam-se das novas tecnologias de informação e comunicação em suas aulas.

Seguindo essa perspectiva, consideramos que ouvir as entrevistas, transcrevê-las e relê-las constituiu um caminho importante para a orientação de uma matriz de análise temática. Estabelecemos um eixo de temas para essa análise, a partir do recorte do conjunto de entrevistas. Nessa linha, procuramos formular um levantamento dos elementos ou unidades para definição das categorias⁶. Os elementos que sobressaíram estão elencados a seguir: i) uso; ii) infraestrutura; iii) capacitação; iiiii) motivação.

6.1 A escola

6.1.2 Infraestrutura

Podemos perceber que a escola não pode ser a mesma, pois, a instituição precisa se adequar aos novos padrões da sociedade moderna. Os alunos já nascem em uma era digital, ou seja, possuem desktops, laptops, tablets, smartphones e outros recursos tecnológicos de última geração. Segundo Prensky (2010, p. 61), “Os estudantes de hoje não são mais as pessoas para as quais o nosso sistema educacional foi desenvolvido”, visto que, para os discentes, as novas tecnologias estão inseridas em sua vida de forma corriqueira. Ressaltamos, ainda, que eles

⁶ Uma categoria “é um conceito que permite nomear uma realidade presente num material recolhido. O trabalho de análise consistirá em precisar seu conteúdo” (MAROY, 1997, p. 131).

também conseguem fazer várias coisas ao mesmo tempo, como, por exemplo, escutar música, digitar um texto e ainda fazer alguma outra atividade; tudo isso é normal para os estudantes. Wang (2006) assim define a situação atual vivida no ambiente escolar:

Por outro lado, enquanto cada vez mais crianças jogam vídeo games e jogos em computador e via Internet, as escolas com ensino tradicional enfrentam diversos problemas. Uma das causas apontadas para a dificuldade de aprendizado é o fato de que a escola não “fala” a linguagem dos alunos, cujas vidas estão centradas na tecnologia. De fato, os alunos atuais mudaram de perfil, não só em termos de bagagem de habilidades em ferramentas tecnológicas, que já possuem quando entram nas escolas, mas também em termos de bagagem contextual. Basta observar que grande parte das crianças com 4 ou 5 anos já assistiu a mais de 5 mil horas de televisão, obtendo informações sobre os mais variados assuntos. (WANG, 2006, p. 01).

Porém, nem todas as escolas estão acompanhando esse avanço tecnológico junto a seus alunos. Nesta dissertação, pesquisamos escolas públicas e particulares e observamos resultados negativos e positivos, opiniões distintas sobre o mesmo assunto. Por exemplo, a Professora D encontra algumas dificuldades em relação à infraestrutura da escola, como podemos observar no relato a seguir:

A escola esse ano irá possuir um laboratório um pouco melhor. Então, creio que vamos ter mais acesso. As idas ao laboratório são marcadas de acordo com a demanda, é uma sala só para a escola toda, por isso, ficamos limitados em questão de horário. Quando não consigo levar os alunos para a sala de informática, eles levam o material impresso [...]. Eu gostaria de ter mais acesso à sala de multimídia, porque minha aula iria render mais. A minha aula é muita chata, muito cansativa, se eu ficar somente em quadro com eles, os alunos quase morrem. (Professora D, escola privada).

Podemos observar que a professora D utiliza os recursos tecnológicos da forma que a escola oferece para ela. Outro ponto importante é que, se ela pudesse utilizaria mais as TIC com seus alunos e, assim, eles ficariam mais motivados, já que, segundo a docente, a sua aula é muito cansativa.

Já a professora E relata uma série de dificuldades no direcionamento dos alunos para a sala de informática, como, por exemplo, a falta de um cronograma estabelecido pela parte pedagógica da escola para que os professores possam utilizar o ambiente sem transtornos.

Na escola pública, eu trabalho com o português. Na particular, eu ensino o espanhol. Em ambas temos as mesmas dificuldades. É muito difícil, para

nós professores usar a tecnologia, pois se vamos para a sala de vídeo, ela está ocupada ou, então, se vamos para o laboratório, o mesmo acontece. Outro fator que dificulta é a falta de organização das escolas. Por exemplo, às vezes, um professor pega a chave do laboratório e não devolve. Tenho a impressão de que o laboratório de informática é feito mais para enfeite. Há muitos computadores, porém não temos acesso a eles. (Professora E, escola pública e privada).

É interessante notar que, em geral, temos a tendência de pensar que esses problemas ocorrem somente em escolas públicas, porém, a professora E deixa claro, em sua entrevista, que na escola privada onde ela leciona, também acontece o problema da falta de organização para a utilização do laboratório de informática. Segundo os dizeres da docente, percebemos que ela gostaria de utilizar mais os recursos da escola, no entanto, há indícios de que existe muita burocracia para esse uso.

Com base nos dizeres da docente, a infraestrutura da escola não atende à demanda dos professores. Durante a entrevista, ficou claro que as professoras D e E gostariam de utilizar mais as novas tecnologias com seus discentes. Porém, ao analisarmos os dizeres das duas professoras notamos que o conceito de integração das novas tecnologias para elas, está mais voltado para a noção de laboratório de informática, ou seja, desktop (parte física).

Isso nos faz retomar as palavras de Buzato (2006) quando ressalta que:

Nós educadores, e/ou formadores de educadores, às vezes também pensamos nas novas tecnologias de forma um pouco ingênua, as vemos como instrumentos meramente técnicos, e, portanto, neutros cultural e ideologicamente, que vão ajudar a escola a fazer de forma mais rápida e barata o que sempre fez. (BUZATO, 2006, p.01).

Para este autor, não faz muito sentido o professor ligar o computador e apresentar, por exemplo, a tela do Microsoft Word e propor como atividade para os alunos um ditado, segundo o autor isso não acrescentaria muito para o aprendizado do estudante, pois, o aluno de hoje tem contato com outras formas de escrita, podemos citar, nesse caso, o MSN.

Por isso, na sociedade da informação e comunicação é interessante que os docentes possuam conhecimento de ferramentas colaborativas, como por exemplo, Google Drive, Prezi etc. A Web 2.0 proporciona essa nova maneira de usar as novas tecnologias, o que poderia facilitar o fazer docente dos educadores mediante o uso

das TIC, já que os professores não precisariam ter um aparato tecnológico à sua disposição.

Por outro lado, podemos verificar, nos relatos a seguir, que existem muitas escolas que possuem infraestrutura adequada ao uso da tecnologia, como também, os professores já têm uma visão mais clara sobre o processo da apropriação das TIC.

Nos dois colégios tem datashow. Eu não me preocupo em ir para o laboratório de informática, pois em todas as salas tem computadores com acesso à Internet. Então, eu gosto de trabalhar com jogos online.
(Professora A, escola privada).

A Professora A deixa claro que em ambas as escolas em que leciona há disponíveis recursos e acesso para que ela possa fazer uso das novas tecnologias. As salas são equipadas com desktop e Internet, portanto, ela não tem a necessidade de direcionar os alunos para o laboratório de informática.

Sem transtornos, ela pode fazer uso de vários recursos oferecidos pela Internet, como, por exemplo, os jogos on-line.

O Professor B também não tem problemas para integrar as novas tecnologias em suas aulas. O docente deixa claro que é necessário reservar os equipamentos. Portanto, o professor precisa ter certa autonomia e vontade de usar as TICs.

[...] Fazemos reserva dos aparelhos; é tranquilo: basta reservar com antecedência; não tenho o que reclamar. Tudo é questão de logística.
(Professor B, escola pública).

O relato da Professora C é semelhante ao da Professora A, ambas lecionam em uma escola com toda infraestrutura, o que inclui acesso aos equipamentos.

Até o ano de dois mil e onze, nós tínhamos dois laboratórios no colégio, um no subsolo, outro no terceiro andar. Os computadores não eram tão bons assim, mas foram substituídos [...]. Eles instalaram em cada sala, um datashow e um desktop o que facilitou bastante para gente. Os professores têm acesso à Internet. A escola também possui uma sala de multimeios que fica à disposição do docente [...]. (Professora C, escola privada).

Portanto, a educadora pode apropriar-se das novas tecnologias sem maiores preocupações. A docente possui todos os recursos disponíveis a seu favor.

O Professor F enfatiza que, na escola em que leciona, há infraestrutura adequada, todas as salas possuem a lousa interativa, juntamente com desktop e projetor multimídia.

[...] isso é feito porque a escola disponibiliza uma máquina por sala de aula juntamente com datashow e lousa interativa. (Professor F, escola privada).

Para o professor F, utilizar os recursos tecnológicos é uma prática corriqueira, já que a instituição oferece aos docentes diversas alternativas para que a inserção das TIC na educação aconteça.

6.2 Capacitação

O uso das TIC nas aulas requer habilidades específicas do professor em relação às novidades tecnológicas que surgirem nas escolas. Podemos citar a lousa interativa, as mesas de alfabetização ou até mesmo o projetor multimídia, quando utilizado de maneira coerente, isto é, como instrumento de interação e não somente de leitura.

Porém, convém lembrar que não basta o governo ou o diretor da escola inseri-los nas escolas públicas ou privadas se em ambas não houver a capacitação dos profissionais, pois o importante é ensinar esses professores a usarem os recursos de forma didática, utilizando metodologias de ensino diferentes, e ainda, conscientizar o professor sobre o seu papel como educador. Buzato (2006) nos instiga a refletir sobre a capacitação dos docentes, pois segundo o autor:

É certo que a formação de professores deve contemplar um "currículo" cuidadosamente montado a fim de fomentar habilidades de leitura e escrita no meio digital, mas, como sabemos, ensinar e aprender não são sinônimos de exercer habilidades: são práticas sociais que dependem da relação entre professor – aluno, ao mesmo tempo em que a estruturam. Quando integramos letramentos digitais às práticas escolares e de formação de professores, a autoridade do professor e do formador (no sentido institucional, mas também no sentido de ser o "autor" de uma "obra") já não se manifesta apenas na definição e supervisão de um "percurso", mas também, e crescentemente, na concepção, justificação e comprometimento com "projetos" para os quais muitos percursos são possíveis. (BUZATO, 2006, p. 10)

Esse autor acredita que o professor precisa ser um mediador do conhecimento, estruturas hierárquicas precisam ser rompidas. Alunos e docentes

precisam se ajudar mutuamente, de forma colaborativa e isso inclui a reflexão sobre a inserção das TIC na grade curricular. Por intermédio das entrevistas, percebemos que os docentes não recebem capacitação da escola, como também não possuem essa visão de professor formador. Outro fato, interessante, é que, nessas escolas onde as professoras lecionam, há recursos disponíveis, sendo que muitas vezes os docentes não sabem como usar o que a escola tem para oferecer.

Nunca tivemos um curso para usar as TIC. Tivemos um treinamento para usar o portal da escola. (Professora D, escola privada).

No discurso da Professora D, há indícios de que o corpo docente não recebe capacitação para lidar com as novas tecnologias.

Os dizeres da Professora E são parecidos com relato da Professora D. Ambas lecionam na mesma escola privada. Durante a entrevista, percebe-se claramente que as professoras não estão satisfeitas com o treinamento oferecido pela escola.

Segundo as educadoras, o treinamento acontece de forma muito rápida. Elas salientam ainda que no último “curso” houve somente um momento de interação entre a consultora e as professoras.

O portal é ótimo. O material é muito bom e é para atender todo mundo. Porém, o único treinamento que tivemos foi através de uma consultora do que veio de São Paulo apresentar os recursos do portal. Nunca tivemos curso para usar as TIC. (Professora E, escola privada e pública).

Apesar dos dizeres das professoras serem negativos em relação ao treinamento, elas reconhecem que o portal da escola é muito bom, e veem nele muitas possibilidades de integração com as suas disciplinas, mas como dissemos anteriormente, as professoras não se sentem preparadas para usá-lo.

6.3 Apropriação das novas tecnologias

6.3.1 Uso

A apropriação das TICs nas aulas pelos professores é uma nova maneira de o docente preparar e ministrar suas aulas. Não que o método expositivo ou tradicional precise ser abandonado. Um não vai substituir o outro. Porém, os

professores não podem parar no tempo e fingir que nada aconteceu. A evolução da informática é um fato e a escola precisa acompanhar esse desenvolvimento. Podemos confirmar isso observando da reflexão proposta por Trindade (2011):

Nos dias de hoje, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) invadem nossas vidas. Estamos cercados de tecnologias, de oportunidades de interação por vias digitais e de possibilidades de utilização de tais tecnologias para muitos fazeres da vida. A escola, por sua vez, também é invadida por esse movimento. E tem ao seu dispor artefatos tecnológicos e recursos que geram objetos virtuais de aprendizagem, que podem desenvolver estratégias pedagógicas suportadas pelo uso das tecnologias, se assim desejar. (TRINDADE, 2011, p. 18).

A utilização das TIC pelos educadores se faz necessária, mas, como vimos anteriormente, existem fatores que precisam ser repensados, como a infraestrutura da escola e a capacitação dos docentes para que essa mudança aconteça da melhor forma possível.

Durante as entrevistas, percebemos que, muitas vezes, ainda não é claro para o professor o que seria essa “apropriação” das TIC na educação. No entanto, observamos que os docentes, em alguns casos, apesar de não possuírem o discernimento de integração das novas tecnologias, procuram fazê-lo, cada um de uma forma, da maneira que lhe é permitida e de acordo com o seu grau de letramento digital. Abaixo, podemos entender melhor o seria esse uso por parte dos professores. A Professora A, por exemplo, utiliza de forma bastante criativa as novas tecnologias, procurando integrar na sua disciplina, de forma prática, os recursos oferecidos pelas TICs.

Eu trabalho muito com projetos. Por exemplo, há uns dois anos, estávamos estudando poesia, então, a gente fez um haikai e mandamos uns para os outros usando o celular. Ainda no trabalho com os poemas, fizemos, também, pequenos vídeos ilustrativos do poema. Outro projeto que me lembro, agora, é o “clipe”. Os alunos produziam um clipe do livro que liam durante o ano. (Professora A, escola privada).

Durante a entrevista, a docente ressaltou que sempre apreciou o uso da informática na educação e está sempre atenta a palestras, cursos e livros que dizem respeito ao assunto.

Dessa forma, a Professora A busca sempre se atualizar e, além de tudo, aproveita todos os recursos que a escola em que leciona possui.

O Professor B alia as novas tecnologias à sua disciplina, de acordo com o conteúdo que está lecionando. O fato de o docente trabalhar em uma escola pública não interfere no uso das TIC.

Eu trabalho com o uso da tecnologia, pensando em algum conteúdo, como por exemplo, quando vamos estudar gênero. Um exemplo, eu uso o podcast, para gravar programas de rádio. É um projeto legal, pois os alunos simulam um programa de rádio real e depois todo mundo ouve no podcast. Outra prática didática que tenho com meus alunos é através da utilização do e-mail para a troca de informações em língua estrangeira. (Professor B, escola pública).

O educador também é bastante criativo e utiliza os podcasts para ensinar língua estrangeira. De acordo com o Professor B, os alunos apreciam bastante essa prática.

A Professora C utiliza formas distintas para apropriar-se das novas tecnologias, desde a Internet até a utilização de softwares aplicativos. Durante a entrevista, a docente enfatizou a importância da informática na educação. Ressaltou, também, a importância do professor em acompanhar todo o trabalho do aluno, ou seja, não basta elaborar um projeto qualquer somente para dizer que estão utilizando as TIC, sem que o mesmo tenha pertinência com relação ao que os discentes estão estudando.

Eu pesquiso vídeos no YouTube que se relacionam com a matéria vista; utilizo os vídeos para projetos. Na língua portuguesa, eu trabalho com livros paradidáticos, aliando a tecnologia digital a esses livros por meio de projetos, como a cartilha em meio eletrônico, animação com meio eletrônico. Peço aos alunos para fazerem os trabalhos no PowerPoint para a apresentação de seminários. Trabalho, também, com músicas retiradas do próprio ambiente virtual, agregando valor às aulas. Levo os alunos ao laboratório de informática. Eu quero destacar que não adiantar o professor soltar um projeto e pedir ao aluno que faça um determinado trabalho em casa. É preciso orientar esse aluno e acompanhar o trabalho. (Professor C, escola privada).

A Professora D além de utilizar os recursos da informática para agregar novidades na sua aula, também o faz para seu uso próprio, facilitando seu trabalho como docente.

Eu uso o computador para fazer os meus planos de aula. E na escola, eu tenho o hábito de fazer PowerPoint para os alunos. Quando a gente tem acesso à sala de multimídia, levo música, vídeo. (Professora D, escola privada).

É interessante notar que quando a Professora E tem acesso aos recursos, ela o faz de forma criativa, procurando diversificar sua aula.

Nas minhas aulas, eu uso mais um determinado vídeo que tematiza o conteúdo da aula. E isso se estende também para os trabalhos de casa. Eu peço para que eles pesquisem alguma coisa relacionada à matéria, em um site. Procuro sempre orientá-los quanto a essa pesquisa. (Professora E, escola pública e privada).

A Professora E, além de utilizar os recursos em sala de aula, propõe projetos para os alunos desempenharem em casa.

Conforme vimos anteriormente, a escola em que a educadora leciona não dispõe de muito acesso para o uso das novas tecnologias. No entanto, há indícios que isso não seja empecilho para que a docente tente se apropriar delas.

6.4 Motivação

Abordar a temática aula é algo instigante, pois tendemos a representar a imagem tradicional do professor no centro da sala e os alunos recebendo as informações, no entanto, é possível que uma aula seja uma atividade diferente dessa cena, pois ultrapassa as quatro paredes de uma instituição.

Dessa forma, ressaltamos que o docente não deve ser considerado o detentor do conhecimento, mas sim, um orientador. Aluno e professor devem trocar informações para se chegar a determinado conhecimento e, além disso, aplicá-lo ao seu cotidiano de forma que seja útil.

Antunes (2007) faz uma reflexão interessante sobre esse assunto:

A aula expositiva é uma maneira de se ministrar aula, mas não é e não pode ser a única maneira. Se um profissional não concebe situações de aprendizagens diferentes para se respeitar diferentes estilos de linguagens em seus alunos e se as suas aulas que ministram não fazem do aluno o centro do processo de aprendizagem, o que a eles está impingindo com o nome de aula não é aula verdadeira. (ANTUNES, 2007, p. 23).

Diante das considerações acima, percebemos que existem várias maneiras de lecionar uma aula, sendo uma delas a utilização das TICs. Essa nova maneira de

ensinar pode entrar como um fator facilitador e motivacional para educadores e estudantes. Os relatos das entrevistas demonstram essa ideia.

Porém, gostaríamos de enfatizar que o professor não precisa dominar todas as ferramentas, nem ter receio de perguntar algo de que ele não possui conhecimento para o aluno. Essa prática de ensino precisa ser considerada natural por ambos, ou seja, ensinar e aprender podem ser considerados exercícios em conjunto.

Logo abaixo, citaremos alguns dizeres dos professores entrevistados que podem dialogar com nossa reflexão.

A Professora A é favorável em relação ao uso das TICs nas aulas. Conforme foi visto, a docente utiliza bastante os recursos oferecidos pela escola. Segundo os seus dizeres, os alunos tendem a ficar mais motivados quando eles fazem uso das novas tecnologias, pois é algo corriqueiro para eles, principalmente se levarmos em consideração que a educadora leciona em uma escola de classe média alta e os estudantes possuem tecnologias de última geração devido ao elevado poder aquisitivo.

O uso das novas tecnologias na educação tem tudo para dar certo. Eu acho que o envolvimento dos alunos é muito maior quando eles podem usar o celular, quando eles têm que filmar. Por isso eu procuro sempre elaborar atividades que se adequam a realidade dos alunos. (Professora A, escola privada).

Já o Professor B assume que faz uso das novas tecnologias, no entanto, o docente traz à tona uma reflexão importante: “a tecnologia por si só não faz milagre”.

É difícil hoje falar em ensino e não falar em tecnologia. Acredito que a gente tem que fazer uso da tecnologia, porém o mais importante é o uso que a gente faz dela, pois a tecnologia sozinha não motiva o aluno, você precisa dar um sentido para ela, e esse sentido é fazendo um bom uso da mesma. (Professor B, escola pública).

O educador precisa dar um sentido para ela, ou seja, as TIC são apenas instrumentos nas mãos do professor, mas quem detém o que e como fazer com elas é o próprio docente.

Sendo assim, se o professor faz um uso contextualizado, significativo, de acordo com os interesses e estilo de aprendizagem dos alunos, consequentemente, os alunos ficam mais motivados com a matéria.

No discurso da Professora C, enfatiza-se bem sobre a importância do uso das TICs na educação. Inclusive a professora ressalta que vivemos em uma época, conhecida como “era digital” na qual conhecimento sobre tecnologia não é problema para o aluno.

Gostaria de deixar claro que hoje o professor precisa integrar as tecnologias digitais em seu conteúdo e ao seu planejamento, isso porque os nossos alunos dominam essas tecnologias e é muito importante aliar o conhecimento do aluno a essa nova prática de ensino. Fazendo essa junção, o conteúdo se torna mais interessante para o estudante, então, é importante que os professores se conscientizem que nós não conseguimos trabalhar fora da tecnologia digital. (Professora C, escola privada).

Então, segundo a educadora, o professor precisa se adequar a essas mudanças, pois senão ficará fora do mercado de trabalho.

Eu acho que rendem muito mais as aulas quando utilizo o computador, porque é mais o universo do adolescente [...]. Os alunos ficam muito mais motivados; eles ficam naquela ânsia de fazer o trabalho, montar o slide ou procurar a música. (Professora D, escola privada).

A Professora D acredita na importância da utilização das novas tecnologias no cotidiano escolar. Segundo a docente, seus alunos ficam mais motivados para realizar as tarefas quando utilizam algum recurso digital.

Conforme vimos anteriormente, a Professora D trabalha em uma escola privada, porém há indícios de que a instituição não ofereça muito acesso para que a docente faça uso da sala de multimídia, o que dificulta esse contato dos alunos e da própria professora com o ambiente virtual na escola.

Nossa! A informática na educação é muito importante. Há uma necessidade. Isso é certo. Na matéria que eu leciono que é a língua portuguesa, se eu tivesse mais acesso, se esses recursos fossem disponíveis para mim, eu acredito que o aprendizado seria melhor, os alunos se interessariam mais pelas aulas. (Professora E, escola privada e pública).

A Professora E percebe a importância das TICs na educação, principalmente quando inseridas ao conteúdo de ensino. No seu desabafo, a docente deixa claro que, se tivesse mais acesso aos recursos, iria utilizá-los de forma mais contínua. Para a educadora esse uso da informática é muito válido, pois, motiva mais os alunos durante as aulas.

O Professor F acredita na relevância do uso das TICs pelos professores, pois, para o ele o aluno do século XXI está acostumado com essas novas tecnologias. Então, acredita que trazer para a escola a realidade dos discentes é algo muito importante para o aprendizado do estudante.

Os resultados vêm dando muito certo, porque faz caminho muito com o perfil do aluno contemporâneo. (Professor F, escola privada).

6.5 Relato das observações

Nessa seção, iremos descrever as observações das aulas que foram assistidas pela pesquisadora. Conforme dito anteriormente, de um total de seis professores conseguiu-se observar somente três aulas, devido a problemas burocráticos das escolas.

Na observação não-participante, o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora. Presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado. O procedimento tem caráter sistemático. (Marconi; Lakatos, 2011b p.193).

Professor B – escola pública – aula 23/01/2013

Disciplina lecionada: Língua estrangeira inglesa

No início da aula, os alunos solicitaram ao Professor B o uso do projetor multimídia e do computador para apresentarem o seminário proposto pelo docente. Os recursos para apresentação do trabalho ainda não estavam preparados; o Professor B pediu ajuda a um aluno para ir buscar o notebook e o projetor multimídia.

O aluno retornou à sala sem os equipamentos, pois o Professor B havia se esquecido de fazer a reserva dos mesmos, e a escola não dispunha de recursos disponíveis para aquela data. Nesse momento, houve um burburinho na sala e os alunos diziam: “o professor não trouxe nada!”.

Chegamos à escola às 07h da manhã e, até as 07h20min, o problema ainda não havia sido resolvido. Os alunos começaram a ficar agitados, pois estavam

ansiosos em apresentar o trabalho, que consistia em uma entrevista em inglês que eles fizeram com os colegas.

Enquanto tentava-se resolver o equívoco, o professor explicava que iria utilizar um critério para avaliação da apresentação dos trabalhos, no caso, um formulário, onde estão descritos vários aspectos, como gênero textual, capricho, vocabulário, pronúncia etc.

Como já havia passado algum tempo e o problema persistia, chegou uma aluna com um notebook e ofereceu-se para apresentar os trabalhos no computador dela. Porém, os alunos ficaram decepcionados, porque não havia projetor multimídia e o áudio também era baixo, o que comprometeu a apresentação do seminário.

A todo momento, o Professor B se justificava, dizendo que isso não acontecia em todas as aulas. Por fim, os alunos apresentaram as entrevistas, mas o professor não conseguia ouvir direito a pronúncia dos estudantes, então sugeriu que eles gravassem em CD e o entregassem para que ele pudesse fazer uma avaliação mais justa.

Professora C – escola privada – aula 22/03/2013

Disciplina lecionada: Língua portuguesa

A sala é equipada com projetor multimídia e desktop com Internet à disposição do professor. Nessa aula, a Professora C não utilizou nenhum recurso digital.

No momento em que a pesquisadora chegou à sala de aula, a Professora C estava lendo um texto para os alunos, que abordava a questão da magreza excessiva das modelos e os alunos comentavam o texto de acordo com o direcionamento dela. Durante toda aula, o processo se repetiu.

Professor F – escola privada – aula 02/04/2013

Disciplina lecionada: Língua espanhola

No momento em que chegamos à sala, o Professor F não estava utilizando nenhuma nova tecnologia. A escola possui: lousa interativa, projetor multimídia e desktop.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da apropriação das novas tecnologias perpassa e ultrapassa a infraestrutura das escolas, a formação docente, a capacitação da equipe pedagógica das instituições educacionais. Conforme observado na pesquisa, existem várias dificuldades que ainda precisam ser superadas pela inserção das TIC na educação. Podemos citar, por exemplo, a infraestrutura, isto é, quando a instituição adquire algum equipamento ligado às novas tecnologias é complicado poder usá-lo, pois existe muita burocracia, o que acaba desmotivando o educador. O laboratório de informática, na maioria das vezes, permanece trancado, isso quando a escola não está passando por alguma reforma. A questão do acesso é um grande problema, e isso acontece tanto em escolas públicas quanto nas particulares, de acordo com as entrevistas.

Outro ponto que destacamos refere-se à formação dos professores. Escutamos vários desabaços de docentes dando conta de que nunca tiveram uma preparação adequada para lidar com as TIC. No entanto, de acordo com os relatos nas entrevistas, percebemos que todos os professores têm vontade de utilizá-las em suas aulas, como também reconhecem a importância desse uso na educação. Alguns, mesmo que de forma talvez um pouco equivocada, por falta de conhecimento, acreditam fazer uso das TIC, isso porque suas aulas são ministradas utilizando projetor multimídia ou mesmo quando conseguem levar os alunos para o laboratório de informática e sugerem alguma pesquisa para os estudantes.

Infelizmente, devido aos problemas relatados anteriormente, como resistência de algumas escolas em receber o pesquisador, não conseguimos observar a aula de todos os professores. Todavia, nas aulas em que conseguimos realizar essa observação não participante, constatamos que os modos de dizer dos professores distanciam-se um pouco da sua prática docente. Os educadores ainda utilizam de forma tímida as novas tecnologias. Para ilustrar, ressaltamos, aqui, que dois professores não utilizaram as TIC no dia em que assistimos à sua aula. É importante salientar que esse fato ocorreu em duas escolas particulares que possuíam infraestrutura para que alguma atividade fosse desenvolvida. Percebe-se, claramente nas instituições de ensino, que a teoria ainda está distante da prática.

São muitos os desafios a serem superados pelos professores, como salas lotadas e muita indisciplina dos alunos.

Destacamos também a questão da formação do docente, pois percebemos a necessidade de uma preparação que inclua a utilização das novas tecnologias no currículo do seu curso de graduação.

Outra questão importante é o incentivo das instituições, que precisam aguçar esse despertar dos professores, divulgando palestras, livros, cursos de pós-graduação, isto é, as escolas precisam investir em cursos de capacitação para os docentes. Algumas escolas até oferecem algum tipo de treinamento, mas isso ocorre de forma muito rápida, e o professor, muitas vezes, não consegue acompanhar o ritmo do curso. Seria necessário um projeto que incluísse um profissional capacitado com didática de ensino para auxiliar os docentes, pelo menos por um período de tempo, apresentando ferramentas de trabalho on-line gratuitas, que a cada dia são mais utilizadas, ou até mesmo, esclarecendo dúvidas, e o mais importante, explicar para os educadores como eles podem aliar as novas tecnologias à sua disciplina.

Por outro lado, é preciso que os professores também tenham vontade de utilizar as TIC, e procurem sempre estar atualizados, buscando aperfeiçoamento. Por exemplo, a professora E leciona em uma escola pública e está sempre em busca de alguma novidade, mesmo encontrando resistência da escola no momento de utilizar algum recurso, ou seja, a docente procura ministrar suas aulas fazendo uso do que tem em mãos. Já alguns educadores, como pudemos observar, têm a seu dispor um aparato tecnológico e lecionam uma aula totalmente conhecida para nós como “tradicional”.

Segundo o discurso docente, o sistema escolar precisa ter um projeto consistente para que essa nova forma de ensino seja satisfatória. Além disso, os profissionais da educação enfatizam que não se pode deixar todas as responsabilidades para o professor: cada um deve ter o seu papel no processo de aprendizagem.

Os recursos tecnológicos estão disponíveis para a sociedade. O importante é utilizá-los de maneira consciente e de forma didática. Não basta trazer o computador para sala e ministrar uma aula mais “animada”.

Desse modo, concluímos dizendo que, essa pesquisa não terminará aqui, uma vez que o assunto é pertinente e merece maior atenção. Há interesse em seu aprimoramento para o Doutorado, realizando mais observações das aulas dos

professores, em outras escolas, talvez em outras regiões de Belo Horizonte, a fim de termos uma teoria mais próxima da prática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.; VALENTE, J. **Tecnologias e currículo**: trajetórias convergentes ou divergentes? São Paulo: Paulus, 2011.

ALVES, Alda Judith. **O Planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº 77, p. 53-71, maio, 1991.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2ª ed. São Paulo: Thomson Learning, 1999. 203p.

ANTUNES, Celso. **Professores e professoautos**: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225p.

BAWDEN, David. **Origins and concepts of digital literacy**. New York: Peter Lang, 2008. p. 17-32.

BENETTI, Solange; SILVA, Claudia Lucia Landgraf P. V. **Formação de professores e tecnologia**: os desafios do letramento digital na escola pública. Disponível em: <http://www.ippucsp.org.br/anais_ac.html>. Acesso em 21 nov. 2012.

BENTO, Luís; SALGADO, Cristina. **A formação pragmática** – um novo olhar. Lisboa: Pergaminho, 2001.

BORGES, J.; SILVA, H. P. Informação e mudança: estudo da efetividade dos programas de inclusão digital em Salvador-Bahia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28. 2005. Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005. p. 01-15.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Ciências Naturais. Brasília: MEC/SEF, 2000. 109 p.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **O letramento eletrônico e o uso do computador no ensino da língua estrangeira**: contribuição para a formação de professores. 2001. 188f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, São Paulo, 2001.

_____. Letramentos digitais e formação de professores. In: III Congresso Ibero-Americano Educarede: Educação, Internet e oportunidades, São Paulo, Maio/ 2006. **Anais...** (on-line), São Paulo, CENPEC, 2007. Disponível em: <http://projetos.educarede.info/iiicongresso/iiicongresso_livro.pdf>. Acessado em: 30 out. 2007.

_____. **Entre a fronteira e a periferia**: Linguagem e Letramento na inclusão digital. 2007. 284f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. Novos letramentos e apropriação tecnológica: conciliando heterogeneidade, cidadania e inovação em rede. In: BUZATO, Marcelo El Khouri. **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010. p. 53-63. Parte 1: Letramento digital.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CHAKUR, Cilene R. de Sá Leite. Níveis de construção da profissionalidade docente: um exemplo de professores de 5ª a 8ª séries. **Cadernos CEDES**, Campinas, n. 36, p. 77 a 93, 1995.

CORRÊA Juliane. Novas tecnologias da informação e comunicação; novas estratégias de ensino/aprendizagem. In: CORRÊA Juliane; COSCARELLI, Carla, V.(Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 43-50. Parte 1: Teorias e práticas.

COSCARELLI, Carla, V.; RIBEIRO, Ana Elisa. (Org.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005. 248p.

_____, Carla Viana. (Org.). **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 175p.

_____, Carla Viana. (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006. 143p.

COSTA, F. (Coord.). **Competências TIC, estudo de implementação**. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE), 2008. v. 1.

ESTEBAN, María Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

EISNER EW. El ojo ilustrado. **Indagación cualitativa y mejora de la práctica educativa**. Barcelona: Paidós; 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

FREITAS, Maria Teresa. **Letramento digital e a formação de professores**. Educação em Revista. Belo Horizonte – v.26 – n.03 – p.335. dez. 2010.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, W. M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HODAS, S. (1994). Technology refusal and the organizational culture of schools. In: **Cyberspace superhighways: Access, ethics, and control** (Proceedings of the Fourth Conference on Computers, Freedom, and Privacy.) Chicago: John Marshall Law School. p. 54-75.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995. 294 p. p. 15-61.

_____. Letramento e suas implicações para o ensino da língua materna. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p.1-25, dez.2007.

_____. **A formação do professor:** perspectivas da linguística aplicada. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2008. 342 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2011a. 312p.

_____, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa.** 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2011b. 277p.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 2, n. 49, p. 455-479, jul./dez. 2010.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: UNESP, 1999.

LOCAL, DIGITAL, GLOBAL... Mergulho na cultura digital. Projeto de extensão. IFMG, 2013. Disponível em: <http://sites.ouropreto.ifmg.edu.br/ldg/sobre-o-projeto/apresentacao/>. Acesso em: 06/11/2013.

MAROY, C.. A análise qualitativa de entrevistas. In: L. ALBARELLO et al. Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais. **Trajectos.** Lisboa: Gradiva, 1997. p. 117-155

MASON, J. **Qualitative researching.** London: Sage Publications, 1996.

MELO, NICEIA. Maria. F. S. Práticas de Letramento Digital na formação de professores: avanços e limites do uso das mídias digitais na sala de aula. In: IV Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacionais, 2011, Sorocaba. **Anais do IV Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacionais.** Sorocaba, 2011.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo (Org.). Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002.

MEY, Jacob L. As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder. Trad. Maria da Glória de Moraes. The voices of society: literacy, conscientiousness and power. **Delta**, v.14, n. 2, p. 331-338. 1998. (Original em inglês).

MOREIRA, Carla Geralda Leite. **Gestão da informação aplicada a programas de inclusão digital no âmbito escolar.** 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso

Sistemas de Informação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004. 136 p.

OLIVEIRA, S. **Geração Y: O nascimento de uma nova versão de líderes**. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

PERALTA, H.; COSTA, F. Competência e confiança dos professores no uso das TIC. Síntese de um estudo internacional. **Sísifo. Revista de Ciências da Educação**, n. 03, 2007. p. 77-86. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/sisifo03PT06.pdf>>. Acesso em: mar. 2011

PERRENOUD, P. Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. **Revista Brasileira da Educação**, n. 12, p. 05-21, 1999.

_____. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora 2000.

PRENSKY, Marc. **“Não me atrapalhe, mãe – Eu estou aprendendo!”**. São Paulo: Phorte, 2010.

_____. **Digital natives, digital immigrants**. MCB University Press, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

RIBEIRO, Ana Elisa F. **Ler na tela – novos suportes para velhas tecnologias**. 2003. 112f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos, Inter-relações entre linguagem, cultura e cognição). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

RIBEIRO, Ana Elisa F. **Navegar lendo, ler navegando**. Notas sobre a leitura de jornais impressos e digitais. Belo Horizonte: InterDitado, 2009. (Coleção Indie).

_____, Ana Elisa. **Novas tecnologias para ler e escrever**: algumas ideias sobre ambientes digitais na sala de aula. Belo Horizonte: RHJ, 2012. 136p.

_____, Ana Elisa; NOVAIS, Ana Elisa Costa. (Org.). **Letramento digital em 15 cliques**. Belo Horizonte: RHJ, 2012. 192p.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012. 264p.

ROSSMAN GB, RALLIS SF. **Learning in the field**. An introduction to qualitative research. Londres: Sage; 1998a.

SANTOS, Bettina S. dos; RADTKE, Márcia L. Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente. In: PELLANDA, Niza M. C., et al. (Org.). **Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SILVA, B. Ecologias da comunicação e contextos educacionais. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 2, n. 3, jan./jun 2005.

_____, Marco. **Sala de aula interativa**. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 270p.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**: Campinas, v. 23, n. 81, p.143-160, dez. 2002.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ª ed. 11ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 128p.

SOUZA, Adilson Ferreira de. **A modalização enunciativa no discurso do professor em sala de aula**: uma análise dessa prática nas 8^{as} séries do ensino fundamental. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 134f.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: CUP, 1984.

TFOUNI, L.V. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas: Pontes, 1988.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2010. 103 p.

_____, Leda V. **Letramento, escrita e leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. 256p.

TAYLOR SJ, BOGDAN R. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación**. Barcelona: Paidós; 1987.

TELLES, João A. É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem! Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Revista Linguagem & Ensino**, São Paulo, v. 5, n. 2, 2002. p. 91-116.

TRINDADE, Elizabeth Sarates Carvalho. O professor e o desafio da própria apropriação tecnológica. **Revista Ágora**. Porto Alegre. Ano 2, p.17-37, jan/jun.2011.

VALENTE, José Armando (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

WANG, Wanderley. **O aprendizado através de jogos para computador**: por uma escola mais divertida e mais eficiente, 2006. Disponível em: <<http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo479.shtml>>. Acesso em: 15 mai. 2013.

XAVIER, Antonio C. dos Santos. **Letramento digital e ensino**. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>>. Acesso em 01 ago. 2013.

APÊNDICE A

Roteiro utilizado nas entrevistas

- Como o professor integra o computador e as ferramentas digitais em suas aulas?
- O que o professor faz e como ele faz?
- Por que pode dar certo?

APÊNDICE B



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

Mestrado em Estudos da Linguagem

Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada *Vai ter que ser uma aula normal?* Letramento digital, formação de professores e tecnologias na escola.

Se decidir participar, é importante que leia antes algumas informações sobre o estudo e o sobre o papel dos informantes/participantes na investigação e, em seguida, registre, ao final desta folha, o seu consentimento livre e esclarecido por escrito.

O objetivo principal desse trabalho é verificar como os docentes letrados digitalmente apropriam-se das tecnologias digitais em suas aulas. Já os específicos são: verificar se a utilização das novas tecnologias traz resultados favoráveis para o aprendizado do aluno, ou seja, se a aula se torna de fato mais atrativa para o discente e também averiguar se o conteúdo ministrado não se perde com a utilização das novas tecnologias, comprometendo o foco da aula.

Estão previstas as seguintes formas de participação por parte dos informantes/participantes na investigação que correspondem a etapas de coleta/geração de dados da pesquisa:

- a) Entrevista (gravada em áudio);
- b) Observação de uma aula do professor, com anotações manuscritas.

Todas as formas de participação apontadas são voluntárias. Além disso, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, sempre com propósitos de publicação científica ou educativa. Saiba, portanto, que, **em hipótese alguma, haverá identificação de qualquer dos informantes da pesquisa na divulgação de seus resultados.**

Você receberá uma cópia deste termo em que consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Caso você tenha mais perguntas sobre o estudo, por favor, ligue para Carla Geralda Leite Moreira nos telefones 33845646 e 88775646, ou dirija-se a ela por meio do e-mail carlaleit@yahoo.com.br

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que fui informado sobre os objetivos da pesquisa e sobre minha forma de participação.

Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar do estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante

21/03/2013

Data

Carla Geralda Leite Moreira

Assinatura do pesquisador

21/03/2013

Data

APÊNDICE C

Transcrição das entrevistas

Professora A

Entrevistadora : então né ... a gente tá querendo saber como que você integra o computador e as ferramentas digitais... não só o computador... nas suas aulas?

Professora A: humrum...

Entrevistadora : o que você faz e como você faz... e porque isso pode dar certo...

Professora A: entendi... é... eu comecei a pensar nessa questão da tecnologia... muito quando eu trabalhava no projeto da letras ainda... que o projeto chamava (a tela e o texto) ... e aí... a gente trabalhava muito a questão da imagem... a questão do filme na sala de aula... e aí eu comecei a me interessar por esta questão né... de sair um pouco do papel e ver outras forma de aprender... e eu acho assim... porque que pode dar certo? porque os meninos tão o tempo inteiro em com contato com celular em contato com computador né... com ipad... ipod... é isso que eles tão mexendo o tempo inteiro... então eu acho que a gente nadar contra essa corrente... é muito né... bater de frente não vai dar certo... eu acho que a gente ao invés ir contra a gente tem que tentar ter isso como aliado já que... se é isso que eles estão usando vai só nos ajudar ainda mais... e aí cê já qué que eu falo... assim tipo o que eu faço?

Entrevistadora : humrum.....

Professora A: é... então por exemplo... teve um projeto que eu fiz... esse já tem mais tempo..... assim ...tem uns dois anos... foi quando a gente tava estudando poesia... e aí foi... a gente fez um ... os meninos tinham que escrever um hai kai e mandar prum outro usando o celular... então esse eu lembro que eu li um artigo na época... falando sobre isso ... então eu fiz... assim não é idéia minha... eu li um artigo falando sobre isso... os meninos escreverem o hai kai ... mandar o hai kai ... porque o hai kai é um texto curto e aí daria ... caberia no espaço da mensagem né? então os outros alunos liam ... recebiam mensagem dos colegas... todos eles leram de todos pela tela do celular... é... esse ano agora... outra coisa que eu ... um projeto que eu fiz... esse foi lá no (Santo Agostinho)... eu dei o nome de livro clipe... então que os meninos fizeram... eles tinham que... durante o ano... eu tenho os livros que eu indico pra eles lerem... digamos assim... os livros paradidáticos que a escola indica ... e aí eles sempre ficavam naquele impasse assim... ahh a gente sempre tem que ler os livros que vocês indicam... a gente queria ler alguma coisa nossa... aí... eu fiz assim... olha... eu indico o livro que eu quero que vocês leiam..... que eu acho interessante ... em contrapartida vocês podem escolher um pra vocês me apresentarem... e aí..... esse que vocês forem escolher... cês vão fazer um trabalho pra mim que vai ser um vídeo... então a gente deu o nome de livro clipe... então eles tinham que ler o livro e fazer um vídeo adaptado desse livro... então alguns fizeram... então todos...assim... usando o celular ou câmera de vídeo... então assim... alguns

saíram mais elaborados... né... então por exemplo ... depois que eles filmaram... eles foram pro computador ... editaram... só que na minha aula... eles fizeram a parte escrita... então eu acompanhei assim... fiz o roteiro com eles... eles criaram o roteiro... o que que eles vão querer filmar... como que eles iam filmar ... algumas aulas eles filmaram no colégio... mas... o toque final foi em casa assim... então eles usaram os aparelhos fora do ambiente escolar ... inclusive esses que fizeram a edição... que aí eles editaram assim é... computador ... então chegou coisa muito bacana pra mim sabe? assim por exemplo é.....teve um grupo que leu ... aí eles que escolheram né... então teve um grupo que leu Marley e eu... então as meninas... o grupo ... e aí o que que eu fiz... não era simplesmente fazer uma adaptação... nessa época... a gente tava trabalhando com diário... o gênero que a gente tava estudando era diário... e aí eu passei pra eles um filme... que chama minha vida de menina... que é o diário de uma menina que viveu em Diamantina... em outro século... e eles leram comigo... um livro que se chama blog da família que também era um diário só que virtual... menino que escrevia um blog... nos dias de hoje... a gente confrontou as idéias do filme que era uma menina que viveu no século passado... com o livro que era um menino vivendo atualmente ... como que era a vida de cada um... e aí aí eu falei agora vocês vão escolher o livro que vocês quiserem... não precisa ser um diário... o livro é um gênero livre... só que na hora que vocês fizerem adaptação pro vídeo... eu quero que vocês façam como se fosse um diário... então eles tiveram que colocar recursos... como narrativa em off... filmar o personagem escrevendo um diário... então Marley e eu por exemplo... elas fizeram um diário... como se fosse depois que o Marley ... anos depois da morte do Marley e aí ela pega o diário ... começa a ler ... lembrando os momentos ... então elas fizeram cenas como se fosse o flashback... embaçaram a cena... aí dentro do diário ela abre... então abre uma foto... elas tiraram a foto de um cachorro e como se fosse uma foto do Marley ... e assim... foi um dos projetos que eles mais gostaram de fazer... foi essa questão da filmagem ... de adaptar o livro... tanto que na última etapa... a última etapa é muito corrida... e não teve... eles ficaram a professora a gente não vai fazer o livro clipe essa etapa ... essa etapa não... e pra você ver assim que nem... nem ... não é cem por cento feito em sala de aula...então não é nem aquela coisa ... ah vamos usar isso pra fugir de aula... né ... que menino tem muito disso ... ah vamo pro laboratório de informática que é uma fuga da aula normal... digamos assim... e aí eles fizeram ... queriam fazer... gostaram de filmar... um outro trabalho que eu fiz com eles também... aí esse já foi dentro de sala... então por exemplo... é... a gente tava trabalhando poema... e aí eu peguei um poema do Drummond... aquele o etiqueta... e aí mostrei pra eles... na internet tinham várias ... vários videozinhos ... que alunos mesmo... da idade deles fizeram como se fosse uma ilustração do poema... então eu propus pra eles... que eles teriam que montar ... então aí a gente foi pro laboratório de informática... aí eles pesquisaram as imagens na internet ... montaram ... como se fosse um power point do poema... e aí na aula seguinte... a gente discutiu sobre o que era o consumo o que que era o consumismo e aí eles saíram pelo colégio com o celular na mão pra poder entrevistar e filmar as pessoas do colégio... então eles foram em duas partes... uma eles fizeram essa entrevista... então eles iam filmando ... usando celular... filmando as pessoas... e perguntando se elas sabiam a diferença entre consumo e consumismo ... se eram pessoas consumistas... o que que elas consumiam... se elas já tinham comprado coisas pra ... que elas nunca usaram ... enfim...né? coisas relacionadas a esse assunto... e no outro momento também... usando o celular... eu fiz o seguinte: eu pedi pra eles levarem pra sala objetos que eram inúteis... então tipo assim... coisas que já eram velhas sem utilidade... um

celular antigo ... desses que não funcionam mais... sem bateria... é..... um pé só do tênis velho ... rasgado e furado... uma maçã mordida... e eles tentaram usando os argumentos... a gente trabalha a questão da oralidade ... eles tinham que vender esses objetos pras pessoas do colégio... e aí assim... pra diretora... professores... pessoal da administração ... e eles já estavam avisados que eles não podiam comprar... então eu avisei pra eles que eles não podiam comprar... e a prova era que eles saíssem filmando a venda deles... e voltassem pra sala com os vídeos... quem mostrasse o vídeo que tinha conseguido vender o produto ... era o campeão ... digamos assim da brincadeira...e aí... um grupo só conseguiu ... e aí o moço ... o segurança do colégio acabou comprando o celular deles lá por quatro reais... então assim... aí eles chegaram na sala e aí a gente já ligou o celular lá no computador e fomo exibir o que eles tinham filmado... e aí nesse caso ainda sai muito assim eles adoram... porque como não tem edição ... nem nada... né... o que sair saiu... eles mesmos riem das bobearas que eles falam né... as vezes falam tudo muito repetido... e aí assim... é eu percebo que são aulas que rendem muito assim... quando eles podem...

Entrevistadora : você acha que é positivo então?

Professora A: demais... assim... sabe eu acho que o envolvimento deles é muito maior... eles se envolvem muito quando pode usar o celular ...quando eles tem que filmar ... nesse do consumismo... teve gente que quis fazer um teatro... então ao invés de sair assim... questão de sair vendendo... como a questão era trabalhar a oralidade... ah professora deixa a gente fazer p teatrinho... aí eu deixei... eles filmaram e a gente assistiu o vídeo depois... então eu acho assim... que foram os dois grandes representativos assim do uso do celular e da câmera que foi super bacana também... teve ... a gente fez também... teve um evento ... uma feira literária... que a gente fez uma oficina de fotografia... e aí também foi super bacana... eles adoraram assim... então a gente primeiro num primeiro momento o professor... aí nesse caso não fui eu que dei a aula ... mas assim... eu acompanhei e vi como é que foi o interesse deles... então ele deu uma aula teórica sobre fotografia e aí mostrou várias fotos pros meninos... deu alguns exemplos... o que que era uma foto bacana... quais os recursos que tornam uma foto bacana e tal... e aí ... no momento seguinte... eles foram... saíram pelo colégio pra fotografar... e no terceiro momento... eles voltaram pra sala... e aí eles escolheram determinadas fotografias... eles não podiam tirar muito... apesar deles tarem com celular ... com iphone e tudo... o professor limitou... só podem tirar x fotos... porque hoje... com essa questão da tecnologia... cê pode tirar 50 escolher duas né? então ele quis propor pros meninos o que a gente tinha da câmera antiga né? que era assim... cê tinha que escolher direitinho em pesar bem ... pra você não gastar o filme... e aí... quando eles voltaram pra sala... eles foram escrever textos... poesias ... sobre o que eles tinham fotografado... e aí sim... o estímulo foi muito maior... tenho certeza... que se eu tivesse talvez ... levado as imagens... pedido pra escreverem sobre... não ia sair o que saiu... porque ... como eles foram livres pra escolher ... usar o celular e escolher o que eles quisessem fotografar... então por exemplo... os meninos... eles fotografaram a quadra... fotografaram outros alunos jogando bola... então o foco foi o que? o que eles gostam né? então a poesia foi ... veio da imagem que tinha a ver com o que eles gostam assim... então eu acho assim que é positivo demais... dá muito estímulo pra eles assim ... mexer com esses aparelhos ... e hoje é fato assim... eu como professora eu sei... nos dois colégios que eu trabalho... assim sempre ... qual quer aula que você tiver dando... você vai achar menino com celular na mão...

ou com celular em cima da mesa... então assim... isso de um tempo pra cá ... tem sido cada vez mais frequente assim... não adianta... ah todo mundo guarda o celular na mochila... um ou outro você vai ver... tirando do bolso e mexendo assim... sabendo que não pode mas eles não obedecem essa regra né? você vê eles mexendo por exemplo ... é eu já... teve ... eu lembro que teve dia assim de eu chegar na turma da tarde e fulana falar comigo assim... ah professora... de manhã você tava fazendo isso... e aí eu saquei que o menino da manhã tava mandando mensagem pra ela na hora da minha aula entendeu? contando o que tava acontecendo... então assim... eles se comunicam o tempo inteiro ... ficam o tempo inteiro desse jeito... isso é fato... se a gente não tiver um olho muito atento ... eles têm o tempo inteiro mexendo no celular... e aí uma outra coisa que eu fiz que deu certo também... esses projetos que eu tava te contando... eu fiz no oitavo ano... então são com meninos na faixa etária de 14... pra trabalhar com vídeo... aqui no (nome do colégio omitido) ... com o sexto ano... eu usei muito jogo on line... então por exemplo... o soletrando... aí eu joguei no computador com eles ... então é um jogo... que tem a voz do luciano huck ... então isso eu acho que ... eu já joguei... por exemplo ... eu pegar o dicionário ... abrir... falar uma palavra... né? sem nenhum recurso... e jogando com o computador com a voz dele... é outra coisa... né o envolvimento deles... eu percebo... é muito maior... assim porque a gente projeta no quadro... aí tem lá o desenho da menina o desenho do menino... como se fosse na cabine onde que eles ficam lá no programa né? do luciano huck... e aí ele fala: primeiro participante ... venha... aí eu chamava... a pessoa vinha e sentava né... e aí o fato de que a voz dele falando e de aparecer lá quadro igual é assim ... o jogo vai escrevendo as letrinhas aos poucos né e já fica projetado a palavra do jeito que o menino escreveu... e aí embaixo vai aparecendo do modo correto... então ... eles irem vendo a palavra sendo construída e ter aquela expectativa pra ver se errou ou não... é muito melhor do que eu ir lá no quadro e escrever do modo correto né... então ... foi um jogo assim... que eu achei que foi super bacana assim... eles sempre pediam... ah professora vamos jogar o soletrando e tal ...e no sexto ano a gente trabalha muito ... é acentuação gráfica né...é então assim a gente trabalha acentuação ... as regras de acentuação... hiato... dígrafo... então é um momento bacana de usar esse jogo assim... eu achei que deu certo... e tem alguns outros jogos... que são on line... então por exemplo assim... jogo de substantivos... então cê... os meninos... projeto lá no quadro e aí tem lá assim... vários balõeszinhos ... depois posso te passar o link desses jogos... aí tem lá assim... substantivo concreto ... abstrato... próprio...parará... as classificações... aí aparece a palavra ... aí o menino tem que clicar na palavra e arrastar ela pra dentro do balãozinho de qual que ele faz parte ... qual que ele pertence... entendeu? e aí nesse site ... tem vários jogos de acordo com a matéria... então tem o jogo do substantivo... o jogo dos adjetivos... todos eles de acordo com a matéria... então ... eu gostava de dar a matéria e no final da matéria eu dava o jogo como forma de ver como é que foi o aprendizado deles... uma forma de avaliar mas ao mesmo tempo ser atrativo pros meninos assim...

Entrevistadora : e como você ficou sabendo desses joguinhos... dessas coisas?

Professora A: pesquisando... é... só pela maneira de querer levar alguma coisa diferente e aí eu entro na internet e pesquiso... foi dessa maneira mesmo... o soletrando... foi uma amiga minha que me indicou... assim... que eu falava que eu fazia ... ela falou assim... ah tem os jogos né... dá pra fazer... eu comecei a fazer... mas esses outros eu fiz por conta própria mesmo eu procurei saber... e assim... o computador... pra poder... a produção de texto em si... eu até que eu não uso... e é

uma proposta que eu to querendo usar pro ano que vem ... eu lembro que eu vi uma ... quando a (ana elisa)foi fazer o lançamento do livro dela... ela comentou ... falando sobre como ela fazia com os meninos de fazer no google () de ver a produção... e esse ano eu não trabalhei produção de texto lá no Santo Agostinho... eu não fui professora de produção ... ano que vem eu vou dar produção lá... e aí a professora que ta lá também ... contei pra ela sobre isso ... achou super bacana a idéia assim ... da gente fazer essa questão de acompanhar o texto... então o computador a internet eu tenho usado assim... quando eles usam... é mais pra pesquisa mesmo... então ...igual um caso que eu te falei... né... desse poema... vamo ilustrar o poema... então eles puderam usar a internet... computador pra procurar as imagens... é vamos supor um artigo... ah gente vai escrever um artigo de opinião... então a gente pode ir pro laboratório de informática... eu dou o tema pra eles ... eles vão pesquisar... então por exemplo... vídeo game... então uma turma vai pesquisar artigos científicos que são favoráveis ao vídeo game... outros que são contra... e aí ... nesse momento eles podem é pesquisar ... saber ... cada um faz seu lado... depois a gente imprime... leva isso pra sala e vai discutir... então grupo a me conta aí o que vocês acharam ... quais que são as vantagens... aí eu listo no quadro as vantagens... as desvantagens isso... aí a partir dessa pesquisa que eles fizeram na internet... que eu listei no quadro aí eles vão fazer uma cópia desses argumentos ... e a partir dos argumentos... eles escrevem o artigo...então assim... como produção de texto eu ainda não usei mas só mesmo como recurso de pesquisa assim sabe... de igual nesse caso de artigo de opinião ... pra ilustrar um poema... mais nesse sentido...

Entrevistadora : entendi e a escola () muito... estrutura...

L: super... muito...lá muito mais do que aqui... assim... nos dois colégios... todos dois tem data-show ... em todas as salas ... todos dois tem computadores em todas as salas com acesso a internet... então por exemplo... esses jogos on line... eu jogo entrando no computador e acessando internet da sala... eu não preocupar de ir pro laboratório de informática ... dá pra fazer da sala... então todas salas tem computador... tem aceso a internet lá também...todos com acesso a internet...é e nos dois colégios tem laboratório de informática...que eu acho assim... no ...aqui () usam pouco...lá eu acho que usam mais...só que lá ele é menor...então tipo não fica um por computador... não fica um aluno por computador não... fica mais de um aluno por computador...então as vezes ...a aula lá fica meio bagunçada sabe...assim que...pelo fato deles sentarem em dupla ou trio...então a conversa aumenta...né...agora tem uma coisa por exemplo...que é a questão da ...de fugir um pouco assim...as vezes quando a gente vai pro laboratório...como tem essa questão deles poderem acessar o computador...aí meio que se eu sair de perto...eles já tão entrando em outro site...sabe? tem uma limitação...eu não sei aqui...mas... lá...aqui eu fui pouco...mas...lá no outro colégio...eu sei que tem um limite...por exemplo...tem determinadas palavras que se eles puserem no google... é o computador não deixa ir... ele bloqueia... se você escrever vídeo game ele não vai...então são coisas que digamos assim... seriam assuntos de interesse dos meninos e é bloqueado pra eles não dispersarem mesmo na aula eu acho...né? aqui... teve um outro trabalho bacana que a gente fez... a gente tava trabalhando com gênero história em quadrinho...e aí... o maurício de souza...ele tem...não sei se você conhece... tem um site dele que chama máquina de quadrinhos...então...ce entra lá...os meninos fizeram o login a senha ...isso tudo aqui...no laboratório de informática ...aí a gente fez o login a senha...aí os meninos começam a criar uma historinha...então tem as ferramentas lá...então por exemplo...cenário...eles escolhem...primeiro escolhem formato...uma

tirinha com três quadrinhos...uma tirinha com nove...aí eles vão ponde cenário.....aí já tem os balões prontos...balão de pensamento...balão de diálogo...gritando...e aí eles foram construindo as histórias...aí...isso a gente fez como um estímulo...porque o trabalho a gente fez posterior...então eles ficaram umas quatro aulas lá...criando uma historinha deles e sem interferência nenhuma minha...não tinha tema...eles puderam criar a história que eles quisessem mesmo...e a gente foi umas quatro aulas com eles no laboratório pra dar tempo pra eles criarem...depois...que que a gente fez...eles leram um livro...cada turma ...são seis turmas de sexto ano...cada turma leu um livro de Monteiro Lobato...e aí ...depois dessa leitura...o grupo...eles fizeram história em quadrinho.....eles fizeram manualmente assim...lápis de cor ...cera...foi junto com a professora de artes... aí eles fizeram as histórias em quadrinho...e aí nós votamos na melhor de cada turma...e aí...a melhor historinha virou uma revistinha...lá no facebook meu tem um álbum...chama adaptando Monteiro Lobato...se você entrar lá...você vai ver o que virou...a revista ficou linda...e aqui tem uma coisa super bacana...tem uma gráfica...então assim...o pessoal...eles que diagramaram pra gente sabe...então assim...nos dois colégios tem um suporte bacana assim...de que que a gente investe tem um retorno assim né? então depois que eles fizeram esse trabalho com esses quadrinhos...isso virou um livro...então foi bacana demais assim o objeto que veio dessa...e o que a gente usou a internet nesse caso...foi como estímulo de ver como que era o quadrinho...de...aí eu fui acompanhando...então por exemplo...eu via lá...tá criando uma história que os personagens tão brigando mas tava usando um balão de diálogo...então aí na tela do computador era mais fácil...ir passando e olhando...olha aqui você tinha que usar o balão assim...tinha que ter usado o balão assado...esse aqui não ficou legal...então foi meio que um treino pra que seria posterior que foi avaliado... e essa que eles desenharam a mão foi avaliada pelo professor de artes e pelos professores de português...então assim...e o resultado foi super bacana... eles adoraram...tanto a ida no laboratório...quanto a construção manual ali mesmo com lápis de cor e canetinha e tal...foi bem bacana...

Entrevistadora : em relação as redes sociais...você faz algum trabalho com eles?

Professora A: não diretamente assim...eu não uso a rede social como na aula...eu uso por exemplo...tudo que eu vejo bacana...(vamos supor) esses dias eu tava dando aula pros meninos...aí eu falei do filme do Charles Chaplin lá e falei do tempos modernos...e falei ah ces já viram? aquele filme que tem as engrenagens...daí a maioria não tinha visto...aí eu coloquei no facebook ...eu escrevo lá...pro alunos do sétimo ano ...o vídeo que a gente comentou na sala...então eu uso como um algo a mais assim entendeu? então vira e mexe ... tem alguma coisa que eu falo em sala ...e que eu acho bacana...aí eu ponho o vídeo no facebook...aí por exemplo...no sexto ano...a gente tava trabalhando variantes lingüísticas...aí já tinha até um tempo que tinha passado isso...aí eu achei um vídeo legal no youtube...aí eu escrevi lá...para os alunos do sexto ano...olha que bacana...da matéria tal...então assim...tudo que eu encontro e tem a ver com a matéria que eu to dando em sala.....eu gosto de postar pra eles...e eu tenho muitos alunos no facebook...dos dois colégios...e eu acho bacana porque tem retorno...tem alguns que chegam na sala e falam...ah professora eu vi que você colocou o vídeo da matéria...alguns me mandam...entendeu? então as vezes eles vão lá e publicam no meu mural...aqui professora o que eu achei...eu lembro que teve uma época que tava rodando no facebbok ...que era como se fosse uma receita culinária...como se fosse um mineiro falando a receita...né? aí vários postaram no meu mural...aqui professora igual você

ensinou na aula né... da variante...então...eu acho que é um retorno...bacana...de as vezes não dar tempo de eu colocar na aula... ou as vezes surge o assunto...igual por exemplo esse do charles chaplin...eu tava falando...a gente tava lendo um texto...e aí falava assim...do carlito...eu falei...cês sabem quem é esse carlito que ele tá falando e nem era tempos modernos não...era do dono do mundo...aí eu falei...aí ele escreve assim...a esfera do carlito...quando ele joga a esfera pra cima...eu falei...cês sabem de que ele está falando? aí eles... não...eu falei isso aqui é o mundo...o globo...no filme quando ele joga pra cima...então era uma coisa que eu nem tinha me preparado...eu não...eu tava dando uma aula de recuperação de outra professora...então eu nem tinha lido o texto assim antes e tal...eu nem me preparei...e eu fui...tava ajudando os meninos a resolver isso na sala...li o texto com eles aí eu falei...cês sabem o que é isso...eles...não...aí cheguei em casa...postei o vídeo...falei o gente...isso aqui que é...né... então eu acho que é uma forma bacana...de...de...de incrementar a aula...mesmo que seja depois...acho que mesmo isso chegando pra eles depois da aula...acho que vale a pena... teve uma charge...por exemplo...teve um dia que eu dei uma charge pros meninos que era assim...era um pai...essa charge circulou na época do dia dos pais...então era uma menininha ...supostamente de uma classe social mais alta...e o menino...supostamente mais baixo...e aí a menina passando com presente...o menino com uma caixa de madeira...e aí ele chega e põe a caixa de madeira no chão ...sobe na caixa pra abraçar o pai...então a caixa que era presente...era pra ele conseguir abraçar o pai... e...na... a folha...era preto e branco...o exercício que eu dei pros meninos...e na nossa discussão...um dos meninos falou assim...ah porque um negro...então tipo assim... ele enxergou um menino da charge negro...e ele não era negro...ele era da mesma cor da menina...só que né...já tá embutida a questão do preconceito...da questão do sócio econômico de ser inferior...de negro já ter questão econômica mais baixa...então na mesma hora ele associou...aí quando foi mais tarde...eu postei a charge colorida...na hora que eu cheguei em casa eu falei...aí oh..... tá vendo...ele não é negro não...olha a cor aí pra você ver...nesse contexto foi super bacana...assim...usa pra poder mostrar pra ele ...provar o que eu tava falando pra ele...agora eu já vi umas coisas muito bacanas que eu tenho vontade de fazer também...mas não fiz...que é por exemplo...criar um perfil no facebook como se fosse um personagem de livro...não sei se você já viu isso...acho super bacana assim...já vi alguns e já vi com personagem de novela...eu lembro que tem uma ...lá no Santo Agostinho tem uma gincana...que o pessoal faz no sexto ano com os meninos...então tem várias provas...tem dança...tem que fazer...aí tem uma das provas...é você fazer uma peça tecnológica...não é tecnológica que eles usam não.....como é que é?tem alguma coisa a ver com tecnologia...e aí teve um grupo que fez uma página no facebook sobre o Santo Agostinho ...entendeu? então acho que tem alguns recursos assim bacana... e esse de criar um perfil como se fosse um personagem...eu acho bacana demais...uma coisa que eu tenho vontade de fazer mas eu ainda não tive oportunidade não...mas é isso...deixa eu ver se eu lembro mais algo...é o soletrando...os jogos das (classes) gramaticais...o filme que eles fizeram...aí depois...eu posso tentar ver se eu consigo te mandar os sites e os vídeos dos meninos...eu posso tentar gravar proce... proce ver alguns deles assim ...o processo que foi ...o roteiro e virar filme assim como que eles fizeram...e aí eu acho... outra coisa que é bacana...nessa questão de não ser tão livre assim...igual teve a questão do diário...a primeira etapa...a gente trabalha com de suspense ...de terror...e enigma... esse foi mais ou menos escolha minha e deles.....porque aí foi assim...eu levei tipo...uns quarenta livros pra cada turma...porque a gente vai

ganhando livro...aí eu pedi pras editoras livros que tivessem a ver com esse tema...suspense...terror...então eu tava com muito livro...aí eu levei pra sala e eles...dentre esses quarenta livros ...cada grupo escolheu o que tinha a ver...então...nesse primeiro vídeo...aí eu falei...olha...vocês tão fazendo um filme de terror...de suspense...e tão isso tem que aparecer no vídeo né? tem que dar essa idéia...aí eu sei que por exemplo...teve um grupo que fez tudo filmado em primeira pessoa...então aí a gente não viu o assassino ...eles ficaram com uma faca... eu quase morri na hora que eu vi o vídeo...eles tavam com uma faca na mão...e a câmera aqui assim... então assim...o menino ia atrás dos outros com a faca na mão...meu deus...cai com essa faca...machuca... vai dar muito problema... então assim...eles souberam usar o recurso né? igual por exemplo o do Marley que tinha a questão da memória...então na hora de editar eles embaçaram...pra fazer essa idéia do flashback...também achei que foi bacana... é...então eu acho assim... é um lugar...onde eles sabem usar os recursos né? tem alguns... word por exemplo...eu acho que eles são péssimos...powerpoint é muito engraçado...as vezes tão fazendo powerpoint...sabe quando você abre e fica lá assim...clique aqui pra adicionar um título... tem como você tirar aquilo né?...então as vezes ...eles começam a escrever por cima daquilo embolado...gente...tira isso daí...aí eu tiro (coloco layout)e o que não tem nada..."ah professora como ce fez isso"... é engraçado isso...power point...word que pra gente é muito tranquilo...pra eles tem umas coisas que eles acham super fantástico que a gente fazer a coisa mais boba... agora por outro lado ...esses programas de edição assim...window...como é que chama aquele do windows que edita?... movie maker eles tiram de letra assim...sabem fazer que é uma maravilha né?

Entrevistadora : e o (press) eles conhecem?

Professora A: alguns...assim... eu acho que o bacana ...tanto daqui...quanto do outro colégio...porque eles tem uma condição...uma classe econômica bacana né? então assim...igual quando eu falo assim...amanhã a gente vai usar celular...todo mundo tem... e não é um celular (bobo)...todo mundo tem celular super...ultra ...tipo assim o iphone cinco...já tem um monte que tem...já... já buscou no exterior sabe? então tem essa vantagem também...né assim... igual essa oficina de fotografia...a maioria tinha câmera então assim ...me possibilita muita coisa porque eu também tenho esse recurso deles terem né? isso ajuda bastante...deles saberem mexer ...o press com certeza...tem vários deles que sabem... acho que os meninos muito mais que as meninas...eu percebo muito isso...assim...quando a gente tava fazendo...é aí...eles sabem é...a gente...vão supor...aquele do consumismo...que eles fizeram as entrevistas...então alguns grupos iam acabando antes ...eles já iam pro laboratório de informática pra editar... eu via os meninos indo no grupo das meninas ajudar pra ver como elas faziam...eu acho que eles conseguem dominar melhor as tecnologias do que elas... tem alguns assim que especificamente eles já brilham de longe assim...sabem altos recursos...assim que todo mundo já sabe... ah o computador deu tilt na hora que eu to dando aula...chama o fulano que o fulano sabe...entende tudo assim...e eu acho ...que esse tipo de coisa ajuda muito...nem só quando você ta ali na prática com eles...mas ...quando você pode usar isso como recurso por exemplo assim...vídeo game...meu namorado é viciado em vídeo game...automaticamente eu sei nome de personagem ...eu sei como é a história...eu sei como é o enredo ...como é a narrativa ...tudo...e os meninos jogam vídeo game o tempo inteiro...então as vezes... eu quero dar um exemplo na sala de...de uma narrativa ...ah acontece isso...então eu dou um exemplo ...sabe o joguinho...sabe

aquele personagem quando ele faz isso? então eu percebo assim... que essa proximidade... de você saber falar a linguagem dos meninos...é bacana demais como que eles interagem muito mais com você...você saber o nome dos personagens...saber o próprio fato da rede social mesmo né? de ver...vão supor.....tem os virais né? então chega lá um viral qualquer...e aí você ta dando exemplo na aula e você pega ...sabe aquele negócio que ta rodando na internet? e aí ...tipo oitenta por cento da sala sabe...e aí você já resolve aquele exemplo pra oitenta por cento ...os outros vinte você ainda tem que tentar mostrar de algum jeito...mas...oitenta ce conseguiu atingir com o exemplo da internet...eu acho que a internet ...ela ajuda não só... ela ta ali na sua frente...com os meninos usando mas...vários momentos como exemplo...de...de...de aproximar do que eles tão vendo... aproximar a linguagem deles com um exemplo que eles tão vendo o tempo inteiro...

Professor B

Entrevistadora: é... você:: B... é professor... há quanto tempo?

Professor B: bom... ah... profissionalmente:: desde dois mil e quatro né... e... dando aulas particulares de inglês... desde... dois mil e dois por aí... dois mil e um... dois mil e dois...

Entrevistadora: e... qual que é a sua formação?

Professor B: minha formação é em LETRAS, licenciatura em língua inglesa pela Universidade Federal de Minas Gerais... e... Pós-graduação no ensino de português para estrangeiros...

Entrevistadora: você fez o mestrado aqui também..., não fez?

Professor B: fiz... fiz o mestrado aqui... português para estrangeiros...

Entrevistadora: ah...

Professor B: linguagens, né... mas:: o FOCO/ensino de português para estrangeiros...

Entrevistadora: ah... tá... como você integra o computador e as ferramentas digitais nas suas aulas? O que você faz? E como você faz? E por que você acha que isso pode dar certo? Lembrando que o computador – não só o computador né – mas as novas tecnologias... socioeducativos...

Professor B sim... sim..., bOM..., a gente TENTA integRAR o computador, né... principalmente... com as aborDAGENS que a gente... que:: a gente segue, né... nas aulas... por exemplo... aqui no Cefet é:: a gente trabalha com gêneros né... então, o ensino de língua estrangeira, ele é pauTADO pelo... pela... variação de GÊNEROS né... que existem né... nas práticas sociais:: aí... né... então... por exemplo... eu acabei de dar uma/entre... uma... uma.../um trabalho para alunos aGOra, do segundo ano... que envolve a apresentação em PowerPoint né..., então... quer dizer... o GÊNERO é o Powerpoint... então, eles TÊM que saber entrar no PowerPoint... TÊM que saber como FUNCIONA né... TODO esse suporte né... não sei se seria um SUPORTE aí o PowerPoint... e também GÊNERO né... para poder apresentar de forma adequada... Outro exemplo, também de... de... de... USO de tecnoloGIA, né, por meio dessa abordagem de gênero aQUI no Cefet é o uso de podcast, por exemplo, para poder gravar programas de rádio/ por exemplo..., eles têm que gravar um programa de rádio... no gênero rádio, né... eles TÊM que gravar em podcast para depois mostrar para os alunos... porque os alunos TÊM que ouvir como se fosse um rádio REal né... eles TÊM que simular um programa de rádio real... depois... todo mundo ouve no podcast, né...?

Entrevistadora: isso é o professor que faz?

Professor B: NÃO o professOR...

Entrevistadora: o aLUNO... ah tá...

Professor B: O ALUNO..., o professor FAla para aluno fazer, né...?

Entrevistadora: ah, tá...

Professor B: esse é um exemplo de tecnologia dentro de sala de aula né... e a gente tenta fazer com que esse uso seja... com que esse uso reFLIta, né... o que é feito na realidade, né... o que existe na realidade né... então:: por exemplo..., o rádio ele é simulado... mas é como se fosse algo real... então, tem algo de verossimilhança aí, né... no USO do rádio aí, né..., porque não é verdadeiro né... porque eles estão simulando... mas é como se fosse... . Por exemplo..., quando eu dei aula fora do país né... no Peru... os alunos tiveram... (de lá)/ era português para

estrangeiros e não de língua inglesa..., os alunos tiveram que PRODUIR um blog, por exemplo, não UM BLOG... mas um SITE de... era um Site de:: era um BLOG... Sim... era UM blog divulgANDO lugares turísticos no Brasil... eles tiveram que:: produzir isso... então foi bem bacana né...? Eu acho que isso é uso de tecnologia, né...? Se reflete bem o uso de tecnologia em sala de aula e... é::: acho que o principal é refletir a PRÁTICA social sabe... é refletir a...a... a:: realiDAde do aluno... é a LÍNGUA em Uso, né...? Essa tecnologia:: ela tem que ser só um instrumento... ela é só um suporte para com que a língua em Uso seja praticada dentro da sala... seja falada pelo aluno, né...? Seja transmitida... ela não TEM que ser o papEL... ela não tem que fazer o papel principal dentro da sala de aula... ela tem que ser um instrumENto... um MEIO pra que a língua em uso seja realmente utilizada pelo aluno e pelo professor...

Entrevistadora: e você já fez algum projeto com eles aqui no Cefet...

Professor B: No Cefet NÃO... só trabalho mesmo de final de bimestre né... até porque tem um mês e pouco que eu estou aqui... que eu voltei, né?: a dar aula aqui... mas no Peru:: a gente fez esse projeto, né...?: que foi bastante interessante né...: Eles tiveram que apresentar... colocaram na REde MESmo... no site... foi BEM interessante...

Entrevistadora: e lá era escola particular ou::

Professor B: era instituto de idiomas né...?

Entrevistadora: ah, tá...!

Professor B: é como se fosse um instituto de idiomas né...

Entrevistadora: ah, entendi...

Professor B o: é bem interessante...

Entrevistadora: aqui no Cefet, você acha que eles dão infraestrutura? Alguma coisa assim...

Professor B: promovendo tecnologia? Sim... porque a gente faz reserva né... dos aparelhos é:: tranquilo... só se reservar com antecedência, né... TUDO tranquilo... não tenho o que reclamar não...

Entrevistadora: e:: por que que você acha que o uso da tecnologia é importante?

Professor B: bom... não tem... é difícil não... é:: difícil falar em ensino hoje e não falar em tecnologia né... então::, é importante porque... eu acho que a GENte tem que fazer uso da tecnologia SIM..., eu acho que o MAIS importante de tudo é o uso que a gente faz da tecnologia né...? Acho que a tecnologia em SI... ela não é importANTE assim...: ela:: ela:: se tem... você tem... você... você precisa DAR um senTido PARA a tecnologia, né... e o sentido que você consegue dar para tecnologia é fazendo um bom uso dela, né...? Não é qualquer uso também, né...? Então, acho que hoje é impossível você falar em ensino e não falar disso né...? Então, você pode usar... você usa email.../outra forma que eu uso muito né...?/: De tecnologia é o email né... se precisar de um aluno mandar um email para mim... por exemplo... ou para um amigo né...? /dele... na... na... na... no país dele, né...? Ou aqui no inglês, né...? No caso do inglês... por exemplo... ele pode mandar um email para outro colega convidando ele para ir para algum lugar... em inglês, né...? Ou usando... usando o email né...? Igual ele usaria o email com um amigo... para falar com um amigo normalmente, ele usaria para fazer uma tarefa na sala de aula e ele mandaria esse aluno.../mandaria esse email para um aluno... para um colega dele na verdade né...? Fazendo USO da língua inglesa.../ não tem como NÃO falar de tecnologia... não tem como NÃO usar a tecnologia HOje em dia... TUDO é tecnologia... o livro didático é tecnologia... a língua... a própria língua que você usa é uma tecnologia também... se:: você for considerar tecnologia isso, né...?/ Então, assim... não é só a

tecnologia digital, vamos dizer assim.../ tudo é tecnologia né...? Se você for prestar atenção, né...? Desde o início aí, né...? Você tem a língua, né...?/ Quando o homem fez o fogo ali... isso tudo é tecnologia né...?

Entrevistadora: sim... e com relação às redes sociais você usa...

Professor B: SIM... EU USO facebook..., eu USO... eu já usei twitter, não uso mais... e uso muito o email...: acho que o email é o que eu mais uso e o face também para manter relacionamento né...?: Com os amigos..., contatos profissionais... também:: seria interessante...

Entrevistadora: e você acha que o aluno fica mais motivado com uma aula assim:: com o uso das novas tecnologias?

Professor B: Eu acho... com certeza:: porque é o que cerca a realidade dele né...? Ele está envolvido nessa realidade né...? Então a gente TEM que trazer essa realidade para dENTro da sala né... e como trazer essa realidade? Fazendo com que eles façam tarefas né... por meio de... dessas tecnologias novas né...? Então é pOstar algo no facebook em inglês... mandar um email em inglês também, né...? Fazer um blog em inglês ou em português para estrangeiros... dependendo:: da língua que eu estou ensinando né...? Então você.../isso motiva eles:: mais... porque são coisas que eles estão realmente envolvidos né...? Eles estão realmENTE envolvidos com isso na vida real deles... na vida diária né...? Então, você TRAZ isso para a sala de aula e ISSO moTIva muito...

Entrevistadora: entendi... você quer acrescentar mais alguma coisa?

Professor B: acho que é isso mesmo... hoje em dia, não tem como não falar de tecnologia né...? E no ensino...inclusive, ela pode otimizar esse ensino no sentido de... de... é... ser mais eficaz aí, ...né...? Na transmissão de conhecimento... NADA vai substituir o professor... . Acho que nada substitui aquela aula ali:: teórica... tem que ter aula expositiva, SIM..., mas eu acho que a tecnologia ajuda muito, né...? Ela não é aquilo que vai SALVAR, né... que vai SUBstituir o professor NÃO... mas ela tem um papel MUItto importante hoje em dia... não o principAL, né...? Mas bem importante...

Entrevistadora: e levar os meninos para laboratório de informática...

Professor B: ah... nunca levei NÃO..., mas... é interessante também... seria interessante levá-los né...? CLARo... acessar a internet né...todo mundo simultaneamente seria bacana... dá para pensar...

Entrevistadora: o Cefet dá abertura para isso?

Professor B: dá também... tem que reservar... TUDO é questão de loGÍstica... aí né...?, aí tem que ter reservar... tem que saber se não tem muita gente na frente... para não atrasar também o conteúdo... aí... depende...

Entrevistadora: entendi... ah... então tá...

Professora C

Entrevistadora: então... seu nome não vai ser...não vai ser divulgado na hora da transcrição...é...qual que é sua formação acadêmica?

Professora C: bom...eu sou formada em letras...habilitação português inglês...()literaturas...pelo Centro Universitário de Belo Horizonte...fiz especialização em língua portuguesa...no programa PREPES...da Pontifícia Universidade Católica...e atualmente eu faço curso de mestrado em estudos de linguagem do CEFET MG...

Entrevistadora: e como que você integra então o computador e as ferramentas digitais nas suas aulas? lembrando que não é só computador né...

Professora C: oh em primeiro lugar eu queria deixar claro...que hoje...o professor precisa integrar a tecnologia digitais ao seu conteúdo e ao seu planejamento...isso porque o aluno hoje...ele domina essas tecnologias digitais...e com certeza...aliar o conteúdo a ser passado com esse conhecimento que o aluno já traz...de tecnologias digitais...e informáticas...faz com que o programa torne pro aluno...mais interessante...então é importantíssimo o professor ter essa consciência de que hoje...praticamente nós não conseguimos trabalhar com... fora da tecnologia digital ou informática...na minha prática é...de professora...enquanto professora de língua portuguesa...eu procuro sempre que possível...pesquisar vídeos no youtube que se relacionam com a matéria vista...ééééé' procuro muitas vezes utilizar vídeos que possam ilustrar o conteúdo que eu estou trabalhando...e na escola onde eu trabalho...além das provas parciais...são duas no valor de dez pontos no primeiro e segundo...na primeira e segunda etapa...na terceira etapa quinze e quinze...nós temos aí...a possibilidade de trabalhar com atividades diversas...são cinco atividades valendo dois pontos...totalizando dez pontos...e que nós podemos trabalhar sob forma de projeto...como eu trabalho dentro da língua portuguesa com livros paradidáticos...tanto no ensino médio...quanto no ensino fundamental...eu busco aliar...tanto a tecnologia digital quanto esses livros paradidáticos por meio de alguns projetos que trabalham com a formulação...de cartilha em meio eletrônico...que trabalham com animação...com meio eletrônico...que trabalham com a formulação de arquivos em powerpoint para apresentação de seminários...procuro trabalhar com músicas também...retiradas do próprio ambiente é...virtual...que possa estar agregando valor as aulas...e basicamente minha prática é essa...sem contar...as vezes que eu levo os alunos a um laboratório de informática... porque não adianta o professor soltar um projeto...pedir ao aluno que faça esse trabalho em casa...sem que ele mesmo não leve esse aluno ao laboratório de informática pra prestar é...esclarecimento...esclarecimentos pra auxiliar o aluno na formulação desse trabalho...e também... pra descobrir o que o aluno tem de informação...de como se realizar aquele projeto... que pode ser compartilhado dentro da sala de aula...e pode servir de referência pra outros grupos ou outros alunos também que realizam esses trabalhos...

Entrevistadora: você já fez algum projeto com seus alunos no laboratório de informática...igual aquele dia que você falou de história em quadrinhos?

Professora C: ah fiz...fiz...fiz...no ano passado...segunda metade de dois mil e doze...nós lemos um livro chamado...bulyng... a face oculta...uma história de bulyng e cyberbulyng...e é claro que é um assunto que está super em voga...os meninos tem conhecimento a respeito desse assunto...mas tanto eu...quanto minha a colega de série nos perguntamos o que poderíamos fazer para que esse trabalho é... fosse mais interessante pra que os resultados fossem também satisfatórios não só pros alunos... mas pra toda comunidade acadêmica ali do colégio onde a gente trabalha...então...nós resolvemos...a partir de um trecho posto no livro...é um trecho em que a professora pra combater o bulyng o ciberbulyng sugere que os alunos façam cartilhas pra conscientizar os outros alunos...então...a partir desse trecho...nós sugerimos que os alunos também fizessem cartilhas...a serem distribuídas pros alunos do colégio...conscientizando a respeito da importância de se combater o bulyng e o ciberbulyng...então... nós usamos é...photoshop...que é um programa que os meninos domina bastante...e nós sugerimos também que os alunos usassem uma página...um site chamado toonndoo...que é um site pra formulação de quadrinhos...charges e cartilhas...então...nós levamos os meninos pro laboratório né? os meninos tiveram acesso a este site e eles foram pra casa ..né... com a incumbência de fazer essa cartilha dentro do toonndoo ou do photoshop...claro... que nós tivemos casos de alunos que fizeram o trabalho em outros programas...e isso foi muito bem vindo...o aluno não teve o trabalho desvalorizado...né...e o resultado foi muito positivo...os alunos se engajaram...eu não tive um só aluno que deixou de apresentar trabalho...esse trabalho inclusive...motivou a...os meninos fazerem palestras para as outras crianças...para os outros alunos do colégio...é...o trabalho deles em forma de cartilha imprimida ou impressa foi entregue pra comunidade em geral no dia da mostra de cultura do colégio... então... foi um trabalho assim bastante satisfatório...

Entrevistadora: entendi... e as redes sociais? você utiliza alguma rede social pra ta conversando com seus alunos...trocando ideias?

Professora C: sim... eu uso a rede social em casa...porque nos colégios... geralmente redes sociais são bloqueadas...ainda que a gente reconheça a importância de se trabalhar por exemplo...a ideia de grupo dentro do facebook... dentro da escola a gente esbarra num problema que é o bloqueio de redes sociais no ambiente escolar...claro que a rede social tá aí pra todo mundo usar...pro professor usar...pro aluno usar...os alunos... os pais também usarem...a gente não tem como fugir disso...e hoje...professor que tem facebook...praticamente tem todos alunos na rede...inclusive eu tenho até pais de alunos né... no meu facebook...e é impressionante porque os alunos estão sempre estabelecendo diálogo com o professor...ora pra bater papo.. pra desabafar sobre questões pessoais... como também pra tirar dúvidas como também pra compartilhar informações é... tanto da parte do aluno pro professor quanto de professor pro aluno...pra perguntar que dia vai ser a prova...ainda que a gente tenha no sistema acadêmico que permite aos alunos acessar uma agenda...mas...mesmo assim o facebook ainda continua sendo espaço de diálogo dentro da escola...ainda que a escola não aceite a rede social...não libere a rede social pra gente usar lá dentro...mas...ela é um caminho sim...

Entrevistadora: e o (google doc) no caso... na parte de compartilhamento de arquivo...você já fez algum projeto em relação a isso?

Professora C: ah pois é...na escola onde eu trabalho...nós temos um sistema acadêmico chamado gvda...no gvda o professor...ele lança notas...ele lança é...faltas...ele consegue disponibilizar essas notas virtualmente pra alunos...pra pais de alunos...ele consegue colocar uma agenda...ou seja... qual que vai ser a programação da aula dele durante toda etapa...no caso do colégio onde eu trabalho...nós temos três etapas...então cada etapa...o sistema está liberado pra você colocar o que que vai ser trabalhado dia a dia...e também...pra gente disponibilizar quais são as atividades avaliativas...em quais dias elas vão acontecer e qual vai ser o valor dessas atividades...e também nesse espaço... ou seja nesse portal que é o (gvda)...nós temos a oportunidade de compartilhar arquivos...então...até o exato momento...eu não tive ainda...a...a necessidade de usar o (dox) talvez...por conta disso...porque tudo que eu preciso compartilhar com meu aluno...eu compartilho por esse portal...então...se eu faço por exemplo...é um powerpoint... pra trabalhar com os meninos por exemplo...a história externa da língua...é o projeto... esse powerpoint... com informações...com vídeos...com músicas...trabalho com isso dentro da sala de aula...logo em seguida... eu posso pegar esse arquivo e jogar pra turma e a turma pode interagir comigo através desse portal...então até o exato momento eu não usei...((não houve necessidade))...devido a especificação desse portal...mas...não descarto a possibilidade de repente a gente fazer um trabalho...uma resenha em grupo .. talvez um texto coletivo .. que cada um possa estar interagindo ali no drive né?

Entrevistadora: e porque que você acha que o () é na educação no caso... pode dar certo?

Professora C: é porque eu falei no começo da entrevista...nós não podemos negar a participação das () na vida do aluno...e acho que também não podemos negar a participação das () na vida do professor também...independentemente é... da idade do professor...hoje... quem entra num quadro docente...de uma instituição... como no meu caso de uma instituição particular...precisa usar...não tem jeito... se não...ele não consegue praticar nada.. não consegue nem trabalhar...como ele vai se recusar a fazer né...colocar as notas no portal sendo que o único caminho que a gente tem pra lançar nota é o portal... então .. a tecnologia hoje... digital ... ela faz parte da vida...tanto do professor quanto do aluno...como o aluno já chega com uma bagagem interessante de conhecimento em ()...professor ele precisa aproveitar essa bagagem do aluno...ela não pode ser perdida...professor tem que levar em consideração que esse conhecimento vai fazer falta pro aluno...mais a frente.. saber trabalhar com () vai ser importante pra ele...então... ele não pode desconsiderar isso...é... não tem como pensar mais numa aula tradicional só com quadro e pincel... isso não vai motivar o aluno a aprender nada...o professor ele tem que se dar conta que ele precisa motivar o aluno a aprender ,, a ir além daquilo que está sendo contado pra ele em sala de aula...então.. ter como referência que as () fazem parte tanto do cotidiano do professor... quanto do aluno... o aluno já traz uma bagagem...que... saber manejar () é algo que já faz parte do cotidiano dele hoje...vai ser parte do cotidiano dele amanhã... o professor ele precisa entrar dentro desse contexto... usando também as tecnologias...

Entrevistadora: em relação a infraestrutura... lá na sua escola.. como é uma escola privada...você tem todo o apoio...?

Professora C: melhorou bastante do ano passado pra este ano...até o ano de dois mil e onze...nós tínhamos dois laboratórios...no colégio...um no subsolo outro no terceiro andar...os computadores não eram tão bons assim,,, mas,,,eles foram substituídos...em dois mil e onze...finalzinho de dois mil e onze... dois mil e doze...eles instalaram em cada sala um datashow e...um computador...desktop...que facilitou bastante pra gente também...porque o professor hoje ele tem a possibilidade de usar a tecnologia ali na hora porque ele já tem um controle do datashow... ou ele já consegue ligar um computador desktop... então...já pode acessar ali com a senha que só ele tem a internet.. buscar vídeos no youtube... ele pode colocar ali em powerpoint pros alunos né... pode buscar música...então isso já facilitou bastante..agora...se ele quiser uma prática...ou seja... se ele quiser que os alunos também manejem o computador... ele tem a possibilidade desses dois laboratórios...além disso...a gente tem uma sala de multimeios... que é um ambiente é...uma sala muito grande com cadeiras confortáveis...a gente tem ali...computador... datashow...home theater...então...a gente consegue por exemplo...projetar um filme com boa qualidade de imagem... boa qualidade de som pra trabalhar um conteúdo de...da matéria que a gente leciona...então isso assim...

Entrevistadora: obrigada...

Professora C: nada...

Professora D

Entrevistadora: então, é:: a... gen::te está fazendo a pesquisa de mestrado, seu nome não será divulgado, em hipótese alguma, e o meu trabalho é sobre o letramento digital do professor, então, eu gostaria de saber como você integra as ferramentas digitais... lembrando que não é só computador, né::, é laboratório de informática, softwares educativos, sites, tablets, celulares,... nas suas aulas, como você faz isso?

Professora D: ó, é... eu:: USO o computador, né, para fazer os meus PLANOS de aula, aí eu tenho o hábito de fazer algumas matérias..., eu levo em PowerPoint para os alunos. Então, a gente tem acesso à sala de multimídia, aí... eu UTILIZO o laboratório, né, a sala de multimídia para levar PowerPoint, levo música, levo vídeo, TUDO que a gente tem acesso ao computador lá na escola, né? Esse ano, a gente vai ter/ o laboratório está um pouco melhor, né, então... eu acho que a gente vai ter mais acesso, né. O ano passado, eu fiquei um pouco mais restrita, então:: eu utilizei pouco. O que mais? É.... mais... é PowerPoint, vídeo, peço aos meninos para trazerem Vídeo... eu não tenho rede social com aluno..., não utilizo para divulgação, né...? Porque tem professor que manda para casa, né... eu não utilizo com eles. É...lá eles têm o portAL da esCOLa, que é o Objetivo, que também tem matéria, né...? Relacionado com o que a gente está estudando e:: ...vamos supor... eu falo com eles para assistirem aula um, do tema que a gente está... estudando::.. Seria mais ou menos isso? (riso)

Entrevistadora: sim, é isso. É...Você já desenvolveu algum projeto com eles? No laboratório de informática? Alguma coisa assim?

Professora D: não, especificamente para eles fazerem na escola, não! Já pedi para eles fazerem um trabalho em PowerPoint, SÓ!

Entrevistadora: ah, tá!

Professora D: mas, aí eles não fizeram na escola, fizeram em CAsa para apresentarem para a escola.

Entrevistadora: mas, na escola, eles apresentaram no PowerPoint.../

Professora D: isso, eles utilizaram a sala de multimídia, apresentaram para mim, para outras turmas, entendeu?

Entrevistadora: entendi. E, quando você leva vídeos, a escola oferece uma infraestrutura boa para você... você tem apoio...

Professora D: é... lá... é marcado de acordo com a demanda e.../porque outros professores tambÉM têm acesso... é uma sala só para a escola inteira. Então, a gente fica um pouco limiTAdo em questão de horário. Assim, né...? Eu não posso, por exemplo, ficar o dia todo,/ dar todas as minhas aulas de história, em todos os turnos... porque:: eu tenho que dividir com outros professores, entendeu? Então, o acesso é um pOUco mais restrito... nessa escola que eu estou trabalhando, especificamente.

Entrevistadora: e... então é como você faz isso, não é? Você então... é... dá trabalho para os meninos fazerem... as músicas você leva...passa no.../

Professora D: sim, é... eu tenho o hábito, né... levo no pendrive..., coloco para eles escutarem. Muitas músicas:: eu peço para eles pesquisarem... porque aí a gente disCUte o contexto histórico, o que está relacionado... o tema que a gente está vendo... se conseguem ver as entrelinhas... dá a noção que a música está falando de amor, mas não é... está falando de uma questão política, que a gente tem que ler

a música para entender... então, muitas vezes, eu levo e:: durante o bimestre, eu peço a eles para trazerem também.../ para levarem uma música... Quando não dá para a gente não ter acesso a sala, então, eles levam para mim impresso. Quando, por exemplo, no dia que eu marquei para eles apresentarem, eu não tenho um horário disponível... que já está preenchido com outros professores... aí eu peço para eles levarem por escrito e a gente faz dentro da sala mesmo.

Entrevistadora: e as suas aulas? São todas no PowerPoint? Ou você.../

Professora D: não, eu divido... QUAdro, PowerPoint e apresentaÇÃO, né...? Aula expositiva...

Entrevistadora: ah, entendi...

Professora D: não dá para dar tudo... por causa da:: questão do acesso... da sala que é reduzida... Eu tenho que dividir com a escola toda::

Entrevistadora: a escola oferece algum tipo de capacitação para o professor na área de letramento digital?

Professora D: NÃO! Teve um curso...mas o que que foi aquilo? (risos) Foi um incentivo para usar o portal...mas curso, mesmo, não.

Entrevistadora: a sua escola é privada?

Professora D: é, privada. Rede Objetiva, de São Paulo.

Entrevistadora: ah, tá. E... qual é a sua opinião a respeito disso? Você acha que pode dar certo essa:: essa:: junção da informática... na educação.../

Professora D: SIM. Nossa! Eu acho que rende muito as aulas! Pelo menos... quando eu dou aula com... com o uso, né... computador, PowerPoint, que eu peço aos meninos para postarem em site, né... às vezes, a gente passa no próprio livro:: tem muito roteiro “acesse o site tal para saber mais sobre tal assunto”... eu:: acho que rende muito mais... porque/eu acho que é mais o universo do adolescente, sabe? Então, assim... eu gostaria de ter mais acesso a sala de multimídia... porque eu acho que a minha aula ia render mais... a minha matéria é muito chata é muito cansativa.... se eu ficar só em quadro com eles, eles quase morrem né, então... assim..., eu queria ter MAIS acesso à sala de multimídia... que o meu conteúdo ia render muito mais.

Entrevistadora: e, você acha que os alunos ficam mais motivados?

Professora D: sim, ficam MUITO mais! Pelo menos eles ficam naquela ÂNSIA de fazer um trabalho igual àquele... “Aí, eu gostei de fazer, eu gostei de montar slide, eu gostei de procurar Música...” É mais legal do que você LER a música e cantar a música... então, eles ficam mais interessados quando eu tenho acesso, né “e na outra aula vai ser assim, também?”, “Aí, a gente podia fazer ASSIM... que é mais divertido” ...então, eles anotam o que eles acham MAIS importante... porque:: pelo fato da matéria ser um pouco mais cansativa, mesmo, história... acho que é mais cansativo ficar só em quadro, mesmo ... livro.

Entrevistadora: então, é isso. Obrigada.

Professora E

Entrevistadora: como você integra o computador e as ferramentas nas suas aulas?

Professora E: Olha:: NA PÚBLICA:: eu trabalho com o português, entendeu? Na língua portuguesa. E... ela é.../ mesma forma que nós temos as dificuldades quase que na particular, ou talvez mais, no caso, não vou dizer igual, é a questão da demanda para você usar o laboratório, entendeu? Porque se eu vou para a sala de vídeo às vezes a gente tem que voltar na sala de computação... é muito difícil para nós professores usá-los, entendeu? Tem as dificuldades que hoje não pode... está fechado... um dia ou a chave sumiu:: então, na verdade, às vezes eu falo que o laboratório de informática ele é feito mais para um enfeite para que tanto computador lá que gente precisar usar e a gente precisa usar e nem para nós professores, as vezes, a gente não tem acesso, entendeu? Então, eu não tenho essa frequência para coloca-los diante do de um computador, entendeu? Diante da máquina. É mais em questão de um vídeo mesmo, entendeu? Eu levo um vídeo, que eu passo, faço comentário, que venha depois trabalhar esse vídeo. A questão da tecnologia é mais para isso aí, tá? É...e o uso deles assim é mais para casa, entendeu? Às vezes eu dou algum site, eu dou um meio de comunicação com que eles pudessem pesquisar, entendeu? Para direcioná-los fazer o dever na casa deles eu com os alunos diante do computador na escola pública seria difícil, sabe, de acontecer para que você ter acesso assim.... o que mais a gente tem mais é a biblioteca e uma sala de vídeo.

Entrevistadora: Ah, entendi. Então, na escola pública, você usa mais os vídeos.

Professora E: É

Entrevistadora: E, você, às vezes, dá para eles fazerem alguma atividade em casa utilizando o computador.

Professora E: Isso, utilizado o computador. De maneira que... Colocar mesmo um direcionamento com eles pudessem pesquisar em casa, entendeu? E, falarem... isso aqui é bom mesmo, tal, vou trocar isso aí... é email, eu mando para eles, é uma das coisas que eu acho interessante é usar essa parte do email, porque você manda um recado, você colocar uma atividade, eles costumam, eles gostam... quando estava na época do orkut, né... eles gostavam muito, entendeu? que a gente colocasse alguma coisa para eles relacionado assim sobre a matéria... chegar ali e usar Só que isso depende da maturidade da turma para usar essas redes sociais porque tem aluno que não dá para a gente ficar usando, para ficar disponibilizando o... sabe... assim com eles, porque eles não tem maturidade... é muito aberto, a não ser que a gente faz um só direcionado a eles. Então, a gente tem que ver como trabalhar isso aí, porque senão a gente fica muito exposto, é... a nossa vida talvez para eles. É... agora, no facebook, eu já não trabalho com eles, as vezes eu não uso coisas até mesmo para diminuir porque já teve alguns professores que tiveram alguns relacionados casos assim, que não tiveram sucesso, sabe? Então, quando você parte para trabalhar com redes sociais você tem que é privar algumas coisas talvez, entendeu? Sua vida pessoal não pode ficar tão exposta. Trabalhar só mesmo a parte de... usar aquilo ali só mesmo do conteúdo, sabe? Porque as vezes a gente tem essa dificuldade para adolescente... adultos, talvez, daria certo... mas para

adolescente... ensino médio, ensino fundamental é meio difícil a gente trabalhar isso... só mesmo trabalhando com e-mails. Agora, em língua portuguesa, na escola particular a gente pode usar mais, por exemplo, eu trabalho numa escola que tem o sistema Objetivo, então a gente já tem o programa, então na redação, eu uso o site do próprio programa, que tem o laboratório de redação que pode ser usado. Em espanhol, se tratando de uma língua estrangeira, pede mais para a gente, é mais gritante, porque ... nós estamos mais distantes, da língua, a gente tem usar outros meios para que o aluno tenha acesso, né, a língua e tal. Aí... eu já uso mais... o computador para colocar algum desenho, algum projetinho que eu desenvolvo, peço para eles fazerem algo em casa e na escola. Então, eu acho que é mais necessário na língua estrangeira. Eu vejo uma necessidade mais gritante, não é que a outra não seja necessária. Pelas dificuldades que a gente tem na escola para usar esses recursos, então, a gente consegue trabalhar sem, tá, mas na língua estrangeira, a necessidade é maior, não é atrativo para criança e nem tão pouco para o adulto. Entrevistadora: Então, na língua estrangeira você já os levou para o laboratório de informática?

Professora E : sim, já fiz isso em outras escolas, no estágio, também.

Entrevistadora: você acha que integrar as ferramentas tecnológicas pode dar certo?

Professora E: Nossa! Se pode, não. Ia ser certo que pode. Isso é certo... isso é certo que pode. Os alunos pedem isso, entendeu? Há uma necessidade. Isso é certo. O português mesmo se a gente tivesse acesso se esses recursos fossem disponíveis para nós... eu creio que o aprendizado seria melhor, os alunos se interessavam mais pelas aulas... seria muito mais... quando eu fiz uma matéria com a Carla Coscarelli, não sei se você conhece... ela trabalhou justamente a importância disso aí com a gente. Então, a gente trabalhava... eu estava na faculdade, mas já trabalhava como professora, a gente tinha que fazer essa experiência na sala de aula e depois levar e contar. Então, isso é o certo, é o óbvio da nova geração. Então, a gente vai ficar nessa coisa do nanananan e não vai. Porque quando eles chegam em casa, eles têm tudo isso. Eles sentam lá no computador e eles não precisam mais da gente ficar falando para eles, na verdade, a gente ficar lá esmerilhando a matéria para eles, mas eles já têm tudo disponível, né. Então, dificulta, sabe... perde o interesse... porque igual português, mesmo, eu acho que já perde o interesse porque eles já acham difícil para eles, a matéria é difícil, é chata que requer leitura... que requer escrita... se não tiver nada que desse uma atração.... a língua espanhola, então, ou qualquer língua estrangeira fica mais difícil porque eles estão tão difícil dessa cultura! Agora, é uma pena! Porque nós estamos ainda MUITO tão ultrapassados ainda nesses recursos, os alunos, os nossos alunos estão bem mais adiantados do que a gente, porque eles tem isso... e nós não temos... as escolas não investem nisso... essa coisa da escola pública, mesmo, ficar falando ah, que manda tantos computadores para a escola que é isso... que mostra essas propaganda do governo... isso é só propaganda.... porque o computador quando chega na escola, ele fica lá ou dentro de uma caixa lá, num canto lá toda vida, entendeu? ou quando abre uma sala, que a secretaria vai lá e impõe e abre você chega lá e ele não funciona, você chega lá, não está conectado na rede, você não consegue, isso aqui não está funcionando então são.....hiii.... são vários problemas.

Entrevistadora: Não tem uma pessoa para ajudar... um técnico

Professora E: Não, oh, quando chega o técnico... aquele técnico já vai para consertar os da escola. Então, quando chega lá, ele fala assim, ah, mas... o laboratório... se você for usar o laboratório aqui, o pessoal vai ficar sem trabalhar, o administrativo, entendeu? Não vai ter como.... Porque não comporta... Não dá.... então não adianta... ter o computador. Então, para que isso aqui, então, gente? Ou então, quando eles colocam lá... as vezes, você chega lá...uai... está funcionando, você não consegue nem abrir, você não sabe com quem está a chave, sabe? Então, são essas coisas que acontecem (riso)... é sério... você chega e fala assim, gente, eu quero usar... ah... a chave está com fulano.... ah, não.... fulano, hoje, usou de manhã, e eu acho que está com fulano... e fulano já foi embora. Aí você fica rodando... quando você pensa que não... já passou os seus cinquenta minutos e você fala assim, eu vou ver se eu faço outra coisa, entendeu? Oh, gente, eu vou improvisar isso aqui... vamos voltar todo mundo para sala eu programei isso mas nós vamos fazer assim então vocês vão fazer isso em casa então, em casa, eu vou deixar isso aqui... então, o aluno vai fazer do jeito dele... você não tem nem como... então... são essas dificuldades que nós temos, entendeu? Não é porque eu ache que o professor não queira trabalhar ou talvez não é porque o professor não esteja preparado é... pronto para isso não porque as vezes a gente fala assim o profissional não está habilitado para isso não está acompanhando a tecnologia que está aí tem esse pensamento mas eu acho que não está porque não tem como... porque ele não tem recursos para trabalhar.... porque se isso estivesse disponível para ele, lógico que ele teria interesse em aprender, o próprio aluno ia pedir para ele... então a gente vê que ele teria que aprender na marra, né. Então, a gente faz conforme a gente vai conseguindo esses recursos né, do jeito que dá, na verdade, porque a gente quase não recebe essa coisa assim não... quando recebe é restrito... é aquela coisa... que você tem um ali, mas você tem um ali... mas uma imensidão para faltar, você programa a aula, as vezes você fica quinze dias tentando passar um filme... porque você tem que negociar com a sua colega... fulano, você me cede a sua aula? Porque eu tenho uma aula lá... e se não terminar você pode ceder as suas aulas, para eu pegar os seus horários para eu terminar de ver isso que eu vou levar os meninos para ali... então, a gente fica, né, combinando, fazendo acordos com a colega, para a gente fazer alguma coisa diferenciada, senão você vai ficar na sala mascando parede toda vida! (risos) é dura a realidade! Eu já falei... o meu propósito, esse ano, eu quero trabalhar mais laboratório... eu não quero ficar.... porque quanto mais aulas você tem, mais você usa a garganta fala, fala, e você não vai aguentando ... e os alunos vão ficando desmotivados. Então, eu comentei Oh, esse ano eu não ficar só com nisso aqui não, e eu colocar uma coisa que vocês vão também vão buscar, vocês vão ser pesquisadores também, juntos, já está na hora, principalmente ensino médio, vocês também têm que buscar porque não é só ficar na frente do computador... eu quero ver a atividade de vocês...eu quero que vocês mandem alguma coisa, eu quero fazer uma coisa diferente para ajudar aqui na sala de aula e para que vocês não fiquem só... Ah, porque meus pais não deixam ah, mas se vocês forem fazer alguma coisa, um para casa, eles vão deixar, é só vocês falarem que estão cobrando alguma coisa (risos). Então, porque a gente cansa... porque eu não quero mais ficar só gastando saliva com vocês mais não, é muito cansativo, mas vamos ver, né? Planejar, né? Mas não sei se isso vai dar certo. Se der certo ao menos um pouquinho, já está de bom tamanho. (risos) Encaminhou....

Entrevistadora: você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Professora E: O portal é ótimo do OBJETIVO, é ótimo, né? O material é muito bom! E, é para atender todo mundo. Só que foi assim... veio uma mulher lá de São Paulo e direcionou a gente... tem ISSO, ISSO, ISSO. E, direcionou a gente, né? Mas... curso, mesmo, não deram para a gente, não! Foi só uma direção MESmo! A questão da redação, mesmo, é muito bacana! Isso motivo muito mais! E, no esTAdo, a gente não tEm assIM... NINGUÉM que venha capacitar a GENTe! Não existe! Igual na escola... mesmo.... comprou um.../agora, que eu falei que eu adorei isso/ aí... mas tudo que compra, eles colocam... fecham num armário a sete chaves. Comprou um:: um:: uma COIsa com um...que agora não precisa nem usar o laboratório, sabe, essa demanda de laboratório. A gente já coloca o pendrive, já acessa, sabe, é uma/ como é que é..../ é tudo assim... com uma televisãozinha...sabe? MUItto bacana! Mas... era uma malinha:: MESmo igual a um laboratório móvel, sabe?/Dessa forma, aí, quando eu vi.../ por um acaso, eu vi esse aparelho porque estava na mesa do professor! Aí, eu cheguei e falei assim? O que que é ISSO? NOSSA, GENTe! TEM que divulgar ISSO! Vocês nem mostram esse trem para a gente! Aí eu falei... como é que é isso? Fiquei cutucANDO, olhANDO, né, o aparelho e tal...tal... “Esse trem custou CARO pra caramba, menina!” Ué, custou caro, então não é para usar, não, é? Eu não estou nem sabendo disso! NOSSa! “Isso aqui é uma MALINHA! Você pode chegar, colocar em cima da sua mesa lá na sala, com os alunos, aí lá, você usa, vai colocando, se você levar para a sala, até os alunos sabem usar!”

Nossa, eu peguei isso aqui um dia, não estava sabendo manusear e eu perguntei não tem o coisa, o manual, não? Tem, mas está tudo em inglês, está não sei aonde... tal, tal, tal, aí eu falei assim... é....e ela falou se você levar para a sala até os alunos sabem usar!” Aí, eu falei: eu nunca tinha visto isso! Ela falou: Ah, deve ter mais ou menos uns seis meses... (risos)

Professor F

Entrevistadora: Como você integra as TICs em suas aulas?

Professor F: O computador está diretamente ligado ao conteúdo porque é uma extensão da apostila feita através de sites, blogues, revistas eletrônicas, etc que dão amplitude ao conteúdo por meio da aplicação da linguagem feita de modo prático, ou seja, a integração real aos gêneros textuais.

Entrevistadora: A escola oferece infraestrutura para o professor?

Professor F: Isso é feito porque a escola disponibiliza uma máquina por sala de aula juntamente com data show e lousa interativa.

Entrevistadora: Você acha que essa inserção das TICs nas aulas motivam os alunos?

Professor F: Os resultados vêm dando muito certo, porque faz caminho muito com o perfil do aluno contemporâneo.